



209

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA UNEB**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV**

**COLEGIADO DE LETRAS**

**MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS  
PROFESSOR-ALUNO  
NA ESCOLA ESTADUAL FREI JOSÉ DA  
ENCARNAÇÃO**

**AGNAILDE DE SOUSA BATISTA**

**ALZENY MENDES**

**MARIA GONÇALVES DE OLIVEIRA**

**SIMÃO PATRÍCIO DOS SANTOS BARROS**

**JACOBINA-BAHIA**

**MAIO-2007**



**AGNAILDE DE SOUSA BATISTA  
ALZENY MENDES  
MARIA GONÇALVES DE OLIVEIRAA  
SIMÃO PATRÍCIO DOS SANTOS BARROS**

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS PROFESSOR-ALUNO  
NA ESCOLA ESTADUAL FREI JOSÉ DA ENCARNAÇÃO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, como requisito parcial de conclusão do Curso de Letras (PROESP), Colegiado de Letras/Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, sob a orientação da Professora Mestre Isaura Fontes.

**JACOBINA-BAHIA  
MAIO-2007**



# **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Agnailde de Sousa Batista**

**Alzeny Mendes**

**Maria Gonçalves**

**Simão Patrício dos Santos Barros**

## **RELAÇÕES INTERPESSOAIS PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLA ESTADUAL FREI JOSÉ DA ENCARNAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado  
como requisito parcial para obtenção do  
título de graduado em Letras na  
Universidade do Estado da Bahia-UNEB

### **BANCA EXAMINADORA**

.....

.....

.....

Jacobina, 02 de maio de 2007

## AGRADECIMENTO

---

Agradecemos ao nosso Pai Celestial em primeiro lugar por estar ao nosso lado sempre trilhando esse caminho, que às vezes nos pareceu tão difícil de seguir e até mesmo tão cansativo e interminável, principalmente quando precisávamos sacrificar alguns momentos significativos de nossas vidas.

Agradecemos ainda aos nossos professores que aturaram as nossas broncas quando pensávamos ser incapazes de realizar determinadas tarefas por eles propostas, uma vez que muitos de nós há muito não atuavam como alunos e sim como professores. Do mesmo modo agradecemos à coordenação do curso, monitoras e secretária por nos proporcionarem condições de trabalho.

Agradecemos também a todos os nossos colegas pela força que nos davam, nos encorajando a seguir em frente com eles. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que terminássemos esse curso, por hora, pois intencionamos seguir, sempre, em frente.

Aos alunos, professores e direção da escola estadual Frei José da Encarnação por nos receberem de forma gentil, até porque sem eles não seria possível tal trabalho. Agradecemos profundamente pela sua sinceridade nos depoimentos.

À nossa orientadora com sua firmeza em suas opiniões indicando-nos um caminho coerente para um estudo científico, agradecemos de forma sincera.

Por fim aos nossos familiares, sempre ao nosso lado, agradecemos sua constante presença nos incentivando em gestos, palavras e ações nessa caminhada.

## RESUMO

---

O presente trabalho de conclusão de curso trata de identificar e fazer reflexões a respeito das possíveis relações entre professor e aluno a fim de contribuir de forma positiva no processo ensino-aprendizagem. Para melhor entendimento dessas relações nos atentamos em buscar subsídios que nos ajudassem a responder todas ou pelo menos quase todas as nossas dúvidas a respeito das mesmas. Vivenciamos durante as nossas entrevistas com os segmentos envolvidos a existência de alguns casos isolados de maus relacionamentos entre professores e alunos caracterizando empecilhos numa relação que se transforma a cada dia num dos grandes problemas para o desenrolar do processo de construção do conhecimento a partir do ensino aprendizagem. A nossa temática versa exatamente sobre as "Relações interpessoais professor-aluno na escola estadual Frei José da Encarnação" no âmbito escolar, como acontecem, e que fatores contribuem positivamente ou negativamente, dificultando ou facilitando o processo educativo. Afinal, educar é conscientizar o aluno de que ele pode ser mais, reconhecendo também que é chamado a ser um eu-no-mundo-com-o-outro, num relacionamento comum e solidário e dessa forma, ensinar para a liberdade num mundo onde o aluno exista com o outro tendo em mente que o verdadeiro papel do professor, portanto, é estar sempre atento a todos os elementos precisos no bom desempenho e desenvolvimento das potencialidades de seu aluno.

Palavras chave: **Relacionamento professor-aluno. Diálogo. Aprendizagem e afetividade.**

## ABSTRACT

---

The objective of this course conclusion project is identify and make reflections about the possible relations between teacher and student, with the intention to contribute in a positive way to the process of education and learning. To make better the understanding of those relations it's necessary to give special attention for the research for subsidies that would help, the teacher, in the understanding process of relations between teacher and students. We witnessed during our interviews, with the different kinds of people involved, the existence of some isolated cases of bad relationships, between teachers and students, characterizing by difficulties in a relation that if transforms each day into one of the great problems to development of the construction process of the knowledge from education and learning. Our thematic focus exactly on the "Interpersonal Relations between Professor-Pupil at the school Frei José Encarnação"; as they happen and what factors contribute positively or negative, in a way to understand the complexity of relations between one and the other. The relation of talks between professor-pupil points to respect to a recognition and acceptance of the other, that characterizes it as a way to flow the learning better, and that the school environment does not answer only for it appeals intellectual, but also for a relation that involves affectivity.

Key words: **Relationship professor-pupil. Dialogue. Learning and affectivity.**

*“O educador deve respeitar a autonomia de seu educando, seja ele criança, jovem ou adulto. O educador deve estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que deve ter pôr si mesmo. O respeito a autonomia e a dignidade de cada um, é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros.”*

**Paulo Freire**

## SUMÁRIO

---

Lista de gráficos.....	8
Lista de tabelas.....	9
1. Introdução.....	11
2. Contexto Histórico.....	14
3. Objetivos.....	16
4. Considerações Teóricas.....	17
4.1 Iniciando a trajetória.....	17
4.2. O ser humano.....	20
4.3 A contribuição de Piaget.....	22
4.4 A contribuição de Vygotsky.....	23
4.5 Escola, esse é o espaço.....	24
4.6 Educação em todos os cantos.....	26
4.7 Educação básica de qualidade, o que vem a ser?.....	27
4.8 Interação professor-aluno, eu e o outro.....	28
4.9 Limites.....	30
4.10 O professor e sua prática enquanto educador.....	33
5. Metodologia.....	38
5.1 Caracterização da pesquisa.....	38
5.2 Estudo de caso.....	39
5.3 A Entrevista.....	39
5.4 O Questionário.....	41
6. Resultados.....	43
6.1 Relacionamento professor alunos – Visão do aluno.....	43
6.2 Relacionamento professor alunos – Visão do professor.....	49
7. Interpretando s resultados.....	54
7.1 Dos alunos.....	54
7.2 Dos professores.....	56
8. Considerações finais.....	60
9. Referências.....	62
Anexos.....	65

## LISTA DE GRÁFICOS

---

<b>Gráfico 1</b> Como você considera as aulas hoje?.....	34
<b>Gráfico 2</b> Como o professor reage frente a pontos de vista dos alunos?.....	35
<b>Gráfico 4</b> Na relação com os alunos, os professores usam de autoridade ou autoritarismo durante as aulas?.....	35
<b>Gráfico 5</b> O professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam o que foi dado na aula?.....	36
<b>Gráfico 6</b> O professor procura ajudar os alunos que têm mais dificuldade na aprendizagem?.....	37
<b>Gráfico 7</b> O professor responde às perguntas dos alunos?.....	37
<b>Gráfico 8</b> O professor é acessível ao aluno?.....	38
<b>Gráfico 9</b> O professor é sensível (tem consideração) com relação aos problemas gerais extra-classe dos alunos?.....	38

## LISTA DE TABELAS

---

<b>Tabela 1</b> O que facilita o relacionamento entre professor-aluno?.....	35
<b>Tabela 2</b> O seu relacionamento com o aluno acontece de forma:.....	40
<b>Tabela 3</b> De que maneira você reage ao ser agredido moralmente por um aluno?.....	40
<b>Tabela 4</b> A que se deve o comportamento agressivo do aluno?.....	40
<b>Tabela 5</b> No que concerne ao desempenho escolar, como é o rendimento destes alunos agressivos? .....	41
<b>Tabela 6</b> Que estratégia você lança mão para se relacionar com estes alunos?.	41
<b>Tabela 7</b> Durante sua aula, seu comportamento reflete autoridade ou autoritarismo?.....	41
<b>Tabela 8</b> Como você vê o papel do professor em sala de aula?.....	41
<b>Tabela 9</b> Como você vê o papel do aluno em sala de aula?.....	42
<b>Tabela 10</b> Os alunos têm respeito por você na sala de aula?.....	42
<b>Tabela 11</b> Você esclarece a dúvida dos alunos?.....	42
<b>Tabela 12</b> Qual sua opinião quanto à indisciplina dos alunos?.....	43
<b>Tabela 13</b> Cite uma experiência positiva e uma experiência negativa de relacionamento com os alunos.....	43

## 1. Introdução

---

O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro. Sendo assim, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada para favorecer a aprendizagem, porque o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade.

Sempre que comentávamos sobre a linguagem das emoções e sobre a relação professor-aluno, nos deparávamos com uma série de indagações, entre elas: Qual o nível do nosso relacionamento com o aluno? Realmente conseguimos controlar nossas motivações interiores? E de que forma as relações interpessoais entre professor-aluno, acontecem na escola?

Foram essas inquietações que nos levaram a escolher o tema Relações Interpessoais Professor-Aluno, para nossa monografia. Inquietações que não cessam, pois a cada ano letivo nos deparamos com as mesmas dificuldades e os mesmos conflitos. A moral e a ética parecem estar em crise. Na maioria das vezes, as regras disciplinares são estabelecidas de forma arbitrária e as exigências para o cumprimento das mesmas são feitas alicerçadas em ameaças e punições, o que pode favorecer reações de conformismo e/ou resistência, ou ainda gerar a indisciplina. Conforme Durkheim

A escola não pode ser propriedade de um partido; e o mestre faltarà em seus deveres quando empregue a autoridade de que dispõe para atrair seus alunos á rotina de seus preconceitos pessoais por mais justificados que pareçam. ' O professor que assim age acaba gerando um clima de tensão no alunado. O medo das conseqüências e as ameaças de punições tiram a espontaneidade; o relacionamento torna-se permeado de atitudes hostis resultando inclusive na diminuição da capacidade de percepção, raciocínio e criatividade. (DURKHEIM, 1978, p.49)

Entende-se dessa forma, que para alcançar uma educação de qualidade a escola precisa contar com a participação conjunta das comunidades escolar e familiar; reconhecer que as capacidades dos alunos vão muito além do

conhecimento “passado’ pelo professor”. Freire (1992.11) ressalta o seguinte: “É na fala do educador, no ensinar, (intervir, devolver, encaminhar), expressão do seu desejo, casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo educando, que ele tece seu ensinar. Ensinar e aprender são movidos pelo desejo e pela paixão”.

De acordo com Daniel Goleman, psicólogo, escritor e professor da Universidade de Harvard, a inteligência emocional é a capacidade de o indivíduo desenvolver certas habilidades como ser capaz de automotivar-se; perseverar, apesar das decepções, controlar os impulsos, sendo capaz de aguardar as compensações emocionais; entender os sentimentos e preocupações do outro; ter esperanças constantes. Pensando nisso é que enfocamos, em nosso trabalho, a importância dos aspectos psicológicos e interacionista fazendo ver que no processo de ensino-aprendizagem tanto o professor quanto o aluno precisam entender que os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação.

Conforme os dicionários de língua portuguesa consultados, interação é a ação ou influência recíproca; ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas. A educação promove a interação e dessa forma, rompe os limites do conhecimento, formando através da escola, pessoas críticas e democráticas o que por incrível que pareça não é função apenas da escola. Esta, como, instancia educativa tem como um dentre outros objetivos, a elevação cultural dos seus alunos.

O relacionamento positivo entre alunos e professores é fundamental. Geralmente alunos e alunas, escolhem na escola, um adulto que lhe sirva de referência, que o ajude e em quem ele possa se espelhar e quando o escolhido é o professor, isso demonstra que há a necessária confiança para que se crie um vínculo de amor, respeito e confiança.

Estabelecer uma convivência pacífica deve ser a preocupação constante de cada um de nós, principalmente quando somos professores. É mais fácil começar por nós mesmos do que aguardar que o outro inicie uma mudança interior. É necessário que cada um de nós venha a mudar, consigo mesmo e com a família, respeitando códigos e limites de convivência. Contudo um limite não no sentido de estagnação. La Taille (2001, p.11,12) nos fala que:

Limite é uma palavra que tem voltado à tona ultimamente. É usada frequentemente de forma queixosa. Portanto, limite não deve ser apenas pensado com ponto extremo, como fim ou limitação, mas também como aquilo que pode ou deve ser transposto.

São exatamente os limites que nos remetem à divisa da intimidade, ao controle do que pode ou deve ser ultrapassado.

No âmbito educacional, geralmente se dá ao limite o sentido de controle de (in) disciplina. Sabemos que a colocação de limites, faz parte da educação, portanto, a ausência deles pode gerar uma crise de valores. A família e a escola são responsáveis por esses limites. A escola continua o trabalho da família e sendo assim, a relação professor-aluno/a deverá certamente contribuir para a conquista da autonomia do estudante. "É preciso resignificar, isto é, revestir de novo valor, de novo sentido e de novo significado a educação, a escola, o professor e o aluno." (COSTA, 2001 p.25,27)

Como educadores, sabemos que a interação professor-aluno vai além dos limites profissionais. É principalmente uma relação marcante e que deve constantemente buscar o diálogo e a afetividade, facilitando assim a formação de um cidadão mais crítico, consciente e participativo.

A forma de educação recebida pelo ser humano é quem vai determinar seu comportamento e/ou suas atitudes na sociedade em que viva. Para Vygotsky, o processo de desenvolvimento é a apropriação ativa do conhecimento disponível na sociedade em que a criança nasceu. Todavia, os valores educacionais estão fracassando, tanto no âmbito familiar, quanto no escolar. Portanto, é necessário que tenhamos um olhar especial para tal questão e possamos encará-la de forma realista.

Sendo assim, o presente trabalho, traz uma reflexão crítica das relações professor-aluno/a relatando o quanto essa interação é importante para o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, buscamos subsídios que pudessem esclarecer as nossas dúvidas e reafirmar a relevância do tema.

## **2. Contexto histórico do lócus da pesquisa**

---

A Escola Frei José da Encarnação, situada à Rua Alberto Torres, no Bairro da Estação, na cidade de Jacobina, surgiu na década de 60, servindo a comunidade de primeira a quarta séries. A partir do ano de 1993, atendendo a demanda esta unidade escolar passou a oferecer de quinta a oitava séries do Ensino Fundamental. A clientela discente está inserida na classe social média e a maioria reside em bairros periféricos, necessitando dessa forma de transporte escolar.

A referida unidade escolar encontra-se em boas condições, oferecendo, na medida do possível, as necessidades gerais, embora urge como prioridade a construção de quadra poli esportiva, salas para coordenação, artes, laboratório de ciências e informática que vem funcionando precariamente por falta de espaço próprio para sua utilização.

Sabendo do bom conceito que a escola tem perante a sociedade, há então, uma mobilização do alunado em busca de uma educação de qualidade, oferecida nesta Unidade Escolar em virtude da maioria do quadro docente possuir Licenciatura Plena e Curso de Pós-Graduação, como também uma gestão participativa e democrática, com Colegiado Escolar atuante, unidade gestora que juntamente com os demais segmentos da escola: direção, corpo docente, discente e administrativo compartilham as decisões tomadas.

É importante salientar que o nome da escola Frei José é em homenagem ao frei do mesmo nome que realizou serviços religiosos e sociais de grande significado para esta cidade

Os conteúdos escolares trabalhados por esta Unidade Escolar, adquiriram diferentes posturas na tradição escolar brasileira em função do valor a eles atribuídos. Consideramos ainda necessário que os conteúdos sejam explorados observando a tipologia dos conteúdos proposta pelos parâmetros Curriculares Nacionais, a saber: Conteúdos conceituais/factuais, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais. Na esfera conceitual há uma preocupação com a dimensão

mais abstrata, teórica do assunto. Assim, o tratamento didático dos conteúdos escolares da referida escola, observará as considerações acima feitas, por acreditarem que assim, estarão concebendo a escola como lugar da vida e das aprendizagens variadas e cotidianas na vida de seus educandos.

Dessa forma, a escola desenvolve um Plano de Trabalho transdisciplinar, a fim de atender as carências mais prementes em relação a leitura/ escrita e raciocínio lógico. Para tanto, o referido Plano de Trabalho tem com eixo central um tema gerador por unidade, sendo agregado a ele os subtemas necessários ao desenvolvimento das estratégias para o alcance das metas determinadas.

Metas que incluem dentre outras; reduzir os índices de evasão e repetência em 5%, trabalhar a interdisciplinaridade visando mais compreensão do conteúdo social no qual aluno está inserido, respeitando e valorizando as pluralidade culturais, solicitar coordenação pedagógica para melhor articular os projetos e acompanhar o trabalho pedagógico, fazer uma avaliação por unidade do desenvolvimento do (PPP) projeto político pedagógico da escola; objetivando melhorar ainda, a qualidade de ensino a fim de que possa se evidenciar no corpo discente um resultado satisfatório quanto a: leitura, produção oral e escrita, bem como domínio das competências discursivas e então poder oportunizar ao aluno o desenvolvimento de sua auto-valorização como pessoa e como ser humano transformando-o num ser político, consciente do seu papel na história, em que ele está inserido integrante de uma sociedade mais fraterna.

### **3. Objetivos**

---

#### **Objetivo Geral:**

Identificar e fazer reflexões a respeito das possíveis relações entre professor e aluno a fim de contribuir de forma positiva no processo ensino-aprendizagem.

#### **Objetivos Específicos:**

- Refletir acerca das relações interpessoais professor-aluno no âmbito escolar;
- Identificar como acontecem as relações interpessoais professor-aluno.

## 4. Considerações Teóricas

---

### 4.1 Iniciando a trajetória

Considerando a precariedade em que se encontra o nosso país atualmente, e vendo os nossos maiores representantes investindo em projetos que não são prioridades nem atendem as reais necessidades da população, esquecendo-se de fazer um real investimento naquela que move o país que é a Educação e a formação dos seus cidadãos e em relação a isso Darcy Ribeiro nos diz que:

O Brasil é um país que sabe fabricar carros, submarinos, computadores, televisores, videocassetes, aviões e até satélites, mas que tem historicamente fracassado na tarefa de fabricar cidadãos.  
Darcy Ribeiro

O que Darcy Ribeiro nos diz no fragmento acima é que com certeza esta fábrica aqui no Brasil deve estar se extinguindo e nisso ele tem total razão porque essa fábrica nada mais é que a Escola Pública, e nós sabemos que esta se encontra com seus dias de grandes feitos praticamente contados, pois a atenção dada a esta instituição e aos segmentos que a compõem tem sido muito pouca por parte de nossos representantes.

E como nos diz Darcy Ribeiro esta é uma realidade enfrentada por todos os brasileiros em todas as instâncias e da qual não se pode fugir ou senão negar. No momento atual o profissional de educação deve desenvolver habilidades que possibilitem uma melhor adaptação às novas culturas e aos novos padrões de conduta social. Além disso, o acelerado processo de globalização insere o homem no ambiente de alta competitividade e seletividade, porém ele é esmagado pelo sistema que não lhe proporciona as condições necessárias para destacar-se dentre

os demais. Para tanto, não podemos esquecer que dentre tantos outros fatores como saúde, exclusão social, a educação também contribui para tal.

Essa realidade também é vivenciada em nossas escolas por todos que a constituem principalmente nossas crianças que passam a maior parte do tempo de suas vidas conhecendo e convivendo com um número muito grande de pessoas. Nesse contexto, a relação professor-aluno/a, representa um grande esforço na busca da afetividade, eficiência e conhecimento ao preparar o educando para a vida redefinindo dessa forma o processo ensino-aprendizagem.

A relação interpessoal professor-aluno/a deve ultrapassar os limites profissionais. Na verdade essa deve ser uma relação que permaneça e deixe marcas positivas, buscando sempre a afetividade e o diálogo como forma de construção do ambiente escolar, trazendo questões que possibilitem essa interação:

- a) Como a relação professor-aluno/a pode interferir no processo ensino-aprendizagem?
- b) O que se pode fazer para que a relação professor-aluno venha ter um alicerce bem edificado?
- c) De que forma a relação interpessoal professor-aluno/a contribui na formação do cidadão crítico, consciente e participativo?

Objetivando desvendar a essência da relação professor-aluno/a diante dos problemas educacionais, buscamos refletir acerca do processo de construção do conhecimento, identificando os fatores que dificultam o relacionamento entre professor e aluno, compreendendo como uma boa relação entre estes contribui no processo ensino-aprendizagem.

Ser professor não é uma tarefa simples, ao contrário requer amor e

habilidade. Como vem destacar Cabral (1987, p.54):

A conduta do professor, nas interações que realiza com o aluno ao longo desse processo, está baseada na percepção que possui sobre este relacionamento. As percepções do professor na situação e interação professor-aluno sofrem a influência dos sentimentos, sejam estes positivos ou negativos, que possuem em relação aos alunos como um grupo; bem como dos estereótipos de seu meio social. Estes fatores também vão influenciar a percepção do aluno no que tange à interação professor-aluno concretizado ao longo do processo ensino-aprendizagem.

No entanto, cabe ao professor, em seu relacionamento com o alunado, dialogar e manter com ele uma afetividade auxiliando-o a reconhecer que sua vida é diferenciada, tanto em coisas intransformáveis quanto naquelas que podem e devem ser modificadas.

No que se refere a escola, o profissional deve tornar seu saber pedagógico uma alavanca que venha desencadear mudanças, não apenas no nível âmbito da escola que integra, mas também ao nível do sistema social, econômico e político. O professor deve se tornar fonte de conhecimentos no seu dia-a-dia em sala de aula, deve também procurar sanar as deficiências encontradas, recuperando o significado verdadeiro do seu papel como professor.

O trabalho docente representa para o professor, seu primeiro compromisso com a sociedade. É sua responsabilidade diante dos novos tempos que se impõe, preparar os alunos como cidadãos ativos e participativos não só na família, como no trabalho, na vida cultural e política, contribuindo para a conscientização e a conquista democrática.

Conclui-se então, que o ato de ensinar e de aprender é uma constante troca, na qual é necessário que o professor seja um educador que enfrente desafios e encare os problemas que porventura surjam, compreendendo que o conhecimento

se dê por valores, que possam justificar e embasar a aprendizagem nas relações interpessoais dos sujeitos inseridos no processo e que o vivenciam em sala de aula tornando-a um ambiente agradável na qual todos possam conviver e trabalhar em harmonia respeitando-se principalmente em suas diferenças.

#### **4.2. O ser humano**

Pode-se definir a pessoa humana como indivíduo de natureza racional, portadora de potenciais que se desenvolvem no tempo vivido por este no seio da comunidade e da família. Por ser racional, o homem possui deveres pessoais e sociais bem definidos que fazem com que este perceba que precisa relacionar-se com outros, reconhecendo que todos dependem de todos e que não podemos nos isolar.

A convivência em sociedade o desafia a enfrentar e procurar de certa forma responder a uma pergunta que se faz necessária a este: “como agir na relação com os outros?” Essa é uma pergunta fácil de fazer, mas difícil de responder por se tratar exatamente de uma questão central da Moral e da Ética.

Moral e ética são palavras tidas como sinônimos remetendo á idéia de costume. Nesses costumes se faz presente um aspecto fundamental na existência humana: a criação de valores. Valores que se fazem presentes a partir das relações que se estabelecem entre si e a sua realidade, atribuindo lhes significados que variam de acordo com suas necessidades e desejos a partir das condições e circunstâncias em que vive.

Tendo a ética como uma dimensão moral e o dia a dia deixando clara essa necessidade, Aristóteles ressalta que: “O homem só, ou é um bruto ou é um deus”. Um “bruto” enquanto ser desalmado, desprovido de bons sentimentos e

conhecimentos acima de tudo, e “deus” por si considerar único, capaz de superar suas expectativas diante dos obstáculos que sempre se fazem presentes em sua caminhada de vida. Mas como ser social consciente de seus deveres para com a sociedade e para com seus semelhantes é tão importante na sua dignidade individual, fazendo-nos crer que ele precisa se educar e que justamente a “educação pulsa no coração de cada um dos princípios que constituem o paradigma do Desenvolvimento Humano.” Já dizia Carlos Gomes (2001, p.43).

Para que sua educação seja uma constante, não se restrinja apenas ao âmbito escolar e possa trilhar ao longo de sua vida, faz-se necessário que ele esteja aberto às relações no meio em que vive. E este ser que é tão contraditório e tão cheio de angústia, conscientize-se de que precisa relacionar-se e interrelacionar-se com o outro. Ressaltamos que é justamente na adolescência que essa necessidade se faz mais presente, exatamente por esta ser uma fase de questionamento, de encontros e desencontros no qual o adolescente está sempre em busca de respostas para inúmeras perguntas como “Quem sou eu?”, “O que quero da vida? Por que estou aqui?”.

Diante dessas indagações que nem sempre são respondidas com exatidão, deixando margem a tantas outras perguntas e respostas, podendo levar até alguns anos para serem respondidas, sofrer mudanças e muitas, nós, como educadores e pesquisadores sentimos a necessidade de compreender como se estabelece a relação interpessoal na escola entre professor-aluno/a, mais a fundo, percebendo-a como função social. Quais limitações e perspectivas essas relações provocam no âmbito escolar envolvendo esses que são os principais segmentos formadores da escola.

LA Taille (1992, p.11) nos diz que.

O homem é ser essencialmente social, impossível, portanto de ser pensado fora do contexto da sociedade em que vive. Em outras palavras o homem social, o homem considerado como molécula isolada do resto de seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição, este homem simplesmente não existe.

Devido à própria e inerente intensa atividade interrelacional do homem, sua convivência dá-se com o outro. É nele mesmo e com o outro que se realizam, quer de forma desigual ou consensual. É certo dizer que o homem passa a ser pessoa quando se torna capaz de se relacionar com os outros, de entender e ser entendido, de ouvir e se fazer ouvido pelo outro. Então quando este estiver apto a dar e receber em seu relacionamento familiar e com outras pessoas sua responsabilidade se definirá. Para tanto, preciso se faz que entendamos e nos tornemos conhecedores de como este se desenvolve moralmente, socialmente e mentalmente porque o bom desenvolvimento desses fatores no homem o definirá como pessoa capaz de entender e se entender perante os outros.

#### **4.3 A contribuição de Piaget**

O desenvolvimento moral do ser humano ocorre em consonância com o desenvolvimento intelectual. E ainda "segundo ele" existe uma matriz cognitiva que possibilita o desenvolvimento da inteligência humana e é comum a todos nós, mas que para esse desenvolvimento acontecer faz-se necessário a ação e torna-se inquestionável a existência das relações interpessoais.  
Piaget (1997)

Considerando o estágio cognitivo descrito por este autor, temos uma boa noção do que as crianças e os adolescentes são capazes de compreender; o que podem e o que não podem fazer. Também nos alerta sobre a importância da

intervenção do adulto, já que a infração tem que ser por ele pontuada.

Esta é uma realidade notória, já que se espera que junto a um adolescente haja um adulto que o oriente, o instigue e lhe mostre o caminho por onde trilhar; mas essa realidade muitas vezes fica só no querer, pois em nosso país há milhares de crianças e adolescentes que vivem em total abandono pelas ruas da cidade, por tantos motivos que muitas vezes não se consegue explicar. Ou talvez esse adulto não se faça presente até mesmo por não estar a par da realidade dessas crianças como: da situação social, emocional e familiar que são fatores primordiais a um bom relacionamento e um bom desempenho em atividades e quando isso não acontece vem a frustração tornando o bom relacionamento quase impossível.

#### **4.4 A contribuição de Vygotsky**

Contrariando Piaget, Vygotsky nos diz que “a vivência em sociedade é que é essencial para a transformação do homem de ser biológico em ser humano.” De acordo com ele a criança nasce dotada apenas de funções psicológicas elementares, como os reflexos e a atenção involuntária presentes em todos os animais mais desenvolvidos. Parte dessas funções se transforma em funções psicológicas superiores, como a consciência, o planejamento e a deliberação que são exclusivas ao homem.

Diante desses pressupostos, se faz essencial entender como se desenvolve a mente e a aprendizagem no ser humano.

O desenvolvimento mental na criança se dá por influência das condições de vida e da educação, em consonância com o meio e sob a influência dos adultos que são os principais responsáveis pela organização e condição do seu

desenvolvimento, transmitindo-lhes a experiência social vivenciado pela humanidade, porém dentro de um sistema próprio.

#### **4.5 Escola, esse é o espaço**

Antigamente, a instrução dos filhos era dever único da família. Mas a vida se complicou e o conjunto dos conhecimentos a serem adquiridos também se estendeu indefinidamente. O resultado disto é que a escola tomou o encargo de instruir crianças e adolescentes. Se a importância da escola é tão grande na educação das nossas crianças, convém aos pais cercar de todo carinho não só a escolha do colégio, mas as relações entre o mesmo e a família.

Weil (1999)

Sabe-se que a função da escola não deve ser unicamente a de transmitir conhecimentos e saberes aos seus educandos, mas também de educá-los para a vida em sociedade. A escola é um espaço de multiplicidade onde diferentes valores, experiências, cultura, crenças e relações sociais se misturam e fazem do dia-a-dia uma rica e complexa estrutura de conhecimentos e de sujeitos. Essa heterogeneidade que permeia a escola, acaba se confrontando com uma estrutura pedagógica que se baseia num padrão de homem e sociedade, considerando a diferença de maneira negativa, gerando assim, uma pedagogia excludente.

Todas as relações que se estabelecem no âmbito escolar têm se mostrado mais difíceis e conflitantes. Os sentimentos em relação e escola ultimamente tem sido de desilusão, desencanto e impotência diante de tantos problemas vividos diariamente. Um desses problemas diz respeito às relações a não aceitação do outro e também as questões ligadas a afetividade que integra a emoção, a paixão e o sentimento que devem se fazer presentes em todas as relações humanas. Para isso a escola deve estar sempre promovendo uma conduta social apropriada, estimulando relações positivas entre administradores, professores e principalmente alunos. Sabe-se também que uma escola segura, promove ainda o senso de

cidadania, de convivência social bem ajustado, de respeito e de conduta ética na vida em sociedade.

A escola deve e tem a obrigação de orientar os jovens para que os mesmos possam ser capazes de construir um modelo e convivência com o outro para que esta seja de muita harmonia, de respeito e de forma que em conjunto aprendam a resolver seus conflitos.

No dia-a-dia de uma sala de aula, essas situações de conflito aluno/aluno, aluno/professor são comuns. Elas decorrem de vários fatores. Nesses momentos a afetividade deve estar presente, havendo uma mistura de irritação e medo e geralmente crises emocionais acontecem causando o descontrole e a redução de discernimento para poder resolver os mesmos. A emoção só será compatível com os interesses e a segurança do indivíduo se souber se compor com o conhecimento e o raciocínio, seus sucessos, ou seja, se em parte, deixar-se reduzir.

Frequentemente essas crises emocionais vêm impedir o exercício de determinadas atividades de cognição. É imprescindível que nas relações em sala de aula consiga-se identificar que fatores favorecem esses conflitos para que se possa analisá-las, buscando assim, possíveis soluções.

Sendo assim, a escola vem construir um espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, facilitar ao educando o acesso e a reconstrução do saber. Essa função esta imbricada inexoravelmente às relações, porque a transmissão do conhecimento se dá na interação entre as pessoas. Por tudo isso se entende ainda que as escolas devam comparar sua relação também com a comunidade e ainda, criar um clima que favoreça o aprendizado, no qual a contribuição e o compromisso são peças fundamentais para que obtenhamos a

verdadeira escola, ou seja, uma escola democrática, na qual todos possam ter acesso aos bens coletivos, dentre eles, o conhecimento.

Freire (1980), mostra com clareza o que se espera da escola atualmente:

Somente uma outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e associada de todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros.

E é isso exatamente o que esperamos das nossas escolas; que elas possam se vestir de uma nova roupagem atraindo diversos outros segmentos sociais para dentro de seu espaço ou até mesmo deixar cair estes altos muros brancos que a afastam de todo o resto da sociedade inclusive das famílias de seu alunado.

#### **4.6 Educação em todos os cantos**

A educação é a mais maravilhosa troca de conhecimentos que pode haver entre os homens. A educação se encontra em mundos vários, porque em qualquer lugar que estivermos com certeza haverá alguma cultura que absorverá e que certamente apresentará a nossa cultura a outras pessoas. Dependendo de cada povo, as culturas são diferentes, pois suas maneiras de viver também o são.

A educação se realiza de acordo com as condições sócio-culturais de cada sociedade, proporcionando a constituição de indivíduos de acordo com a estrutura de educação, pois os sujeitos são manipulados de acordo com os seus padrões morais, étnicos, políticos, pedagógicos etc.

A educação, dever da família e da escola, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o

pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB. 9394; art. 2º)

O artigo citado comprova o que dissemos anteriormente a respeito de que a educação é tudo que a humanidade aprende a cerca de si mesma; na era industrial a educação foi fator de crescimento individual e de ascensão social, na era do conhecimento se tornou fator de inclusão social.

O sistema centralizador de poder se utiliza do saber como arma de reforço a desigualdade, a falta de companheirismo entre homens que vivem competindo uns com os outros na divisão do trabalho. Dessa forma, a educação tem por finalidade romper os limites do conhecimento, formando através da escola, pessoas críticas e democráticas o que por incrível que pareça não é função apenas da escola. Esta, como instância educativa tem como um dentre outros objetivos, a elevação cultural dos seus educandos.

Partindo desse propósito, a escola deve ser lugar onde professores e alunos, diante de uma relação democratizada, demonstrem interesse num objetivo único, dedicando-se a atividades que venham elevar os seus modos de ser e de viver. Para tanto, se faz necessário que estes sejam possuidores de pelo menos uma educação básica de qualidade, pois sem ela as pessoas não poderão nem terão condição de competir no novo mercado de trabalho que vem se transformando pelas novas tecnologias e novas formas de organização de produção.

#### **4.7 Educação básica de qualidade, o que vem a ser?**

Uma educação básica de qualidade nada mais é do que aquela capaz de oferecer a todos os cidadãos, crianças, adolescentes, jovens e adultos, as condições que Bernardo Toro chama de Código de Modernidade, que configuram os requisitos mínimos para se trabalhar e viver numa sociedade moderna.

(COSTA, 2001, p.41)

Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro. Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada para favorecer a aprendizagem, porque o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade.

#### **4.8 Interação professor-aluno, eu e o outro**

Como nosso trabalho trata exatamente da relação professor-aluno vale ressaltar que esta não acontecerá positivamente se não houver interação para servir de intuito a mediação, controle, facilitação, convivência, a disposição dos lugares, papéis e vínculos desses dois protagonistas da relação interpessoal na escola parecem estar programados: professor dita, aluno obedece.

Cabral (1987, p.54), em um trabalho dedicado a esta conduta supostamente estruturante do processo ensino-aprendizagem propõe a seguinte:

A conduta do professor, nas interações que realiza com o aluno ao longo deste processo, está baseada na percepção que possui sobre este relacionamento. As percepções do professor na situação de interação professor-aluno sofrem a influência dos sentimentos, sejam estes positivos ou negativos, que possui em relação aos alunos como um grupo; bem como dos estereótipos de seu meio social. Estes fatores também vão influenciar a percepção do aluno no que tange à interação professor-aluno ao longo do processo ensino-aprendizagem.

Nesse recorte, o autor enfoca a importância de aspectos psicológicos-interacionistas estarem presentes nessa interação e deixa claros os sentimentos estereotipados do professor em relação aos alunos influenciando tanto a percepção

de si próprio quanto à maneira como interage com eles. Os alunos em consequência, também são influenciados por essa interação.

Eis a opinião de Cabral (1987, p.56) a esse respeito:

A percepção que o professor tem do processo ensino-aprendizagem terá como resultante final a formação da sua expectativa em relação aos objetos finais a serem atingidos no processo. A expectativa do professor é transmitida ao aluno através de sua maneira de se comportar durante o referido processo, bem como de seu sistema de comunicação verbal e principalmente, do meio não verbal.

O professor é sujeito fundamental no processo educacional, pelo papel que representa diante do aluno, como educador e transmissor de conhecimento. No entanto, ele é esmagado pelo sistema que não lhe dá condição necessária para desempenhar suas funções de forma satisfatória e ainda é acusado pelo fracasso do ensino.

Nas relações internas num espaço escolar, o que se nota é que nem todos são tratados igualmente, principalmente os alunos. Estes, raramente são convocados a manifestar seus pontos de vista e a participar das decisões relativas à vida escolar. Nas escolas, principalmente na relação professor-aluno há a existência e manutenção de um autoritarismo que começa hierarquicamente no professor, chegando até a uma instância superior, na figura do diretor e vai reforçar e se perpetuar na sala de aula onde seus efeitos são nefastos nos quais podemos observar,

[...] como o professor se coloca sobre um estrado, numa posição de importância no papel de autoridade absoluta. Isso acaba por inculcar submissão, familiariza a idéia de que deve existir uma hierarquia e que precisa de um chefe. (CECCON, 1998, p.85)

Conceber a autoridade do professor dentro destes moldes é simplesmente

lhes dar todas as possibilidades para abusar dela. Mas a autoridade do professor deveria nascer de sua relação com a verdade, tendo consciência de que esta superioridade não é em si um potencial absoluto porque mesmo mais avançado em idade e sabedoria o professor também deve continuar o caminho da verdade que dá testemunho frente ao aluno.

E então? De que forma deve ocorrer a relação de interação segundo expectativas também dos alunos que se supõe deveria ser marcada pela reciprocidade, ou seja, pela troca de experiências e vivências que cada um traz consigo e que não é pouca. Sabe-se que isso não acontece porque a atenção dada à influência do aluno em relação à conduta do professor é mínima. Leva-se em conta, apenas o comportamento do professor influenciando o dos alunos porque na relação de ensino-aprendizagem eles são atuantes, portanto, eles é que importam. E a estes é dado o direito ao poder na relação enquanto ao outro (aluno) resta-lhe a imposição de limites que supostamente para os primeiros sustentam as relações interpessoais ou não, sejam na escola, nos corredores, nas salas de aula e nas famílias.

#### **4.9 Limites**

Limites: Como e quando determiná-los? Por quê? Para quê? De que tipo de limites vai tratar? Até onde numa relação interpessoal principalmente professor-aluno o limite é viável?

O relacionamento positivo entre alunos e professores é um ponto muito significativo. Os alunos geralmente escolhem na escola um adulto que lhe sirva de referência, e em quem possa se espelhar, e este geralmente na maioria das vezes é

o professor, precisa dedicar um pouco de seu tempo a estes adolescentes, fazer com que eles adquiram a confiança necessária para que um vínculo de confiança se estabeleça.

Para que essa relação seja possível é preciso despovoar a relação professor-aluno dos mitos que a cercam como nos diz Costa (2001, p.116,118):

O mito da conflitividade no qual a dimensão conflitiva pedagógica é totalmente desconsiderada” e isso não pode ocorrer, pois se sabe que os momentos de conflitos nessa relação é uma constante. O mito da horizontalidade onde a impressão que se tem é que a relação entre professor-aluno é de “igual para igual” e isso não é verdade pois essa é sem uma relação de poder e o desafio maior é fazer desse poder não de ,dominação mas de serviço. O mito da naturalidade no qual a manifestação mais clara desse mito é o espontaneísmo. É nesse espontaneísmo que está o grave equívoco, pois o desenvolvimento da ação pedagógica é sempre previsto e planejado.

O mito da suavidade como se a educação fosse sempre um campo florido e na verdade sabe-se que é o oposto é sim um processo árduo, pesado, doloroso e difícil e por fim a disciplina e regime. Nós” sabemos que o regime disciplinar é uma coisa que pertence ao educador, mas a disciplina em si é única do educando.

Como já foi abordado anteriormente um ponto de grande importância a ser considerado no relacionamento professor-aluno é a falta de limites claros e precisos na convivência de ambos. É bom frisar que não são os jovens que não possuem limites, mas os adultos tanto pais como professores que não percebem a importância de impor limites em suas relações.

Já dizia La Taille (2001, p.11 e 12).

Limites é uma palavra que tem voltado à tona ultimamente. É usada freqüentemente de forma queixosa, Portanto “Limite” não deve ser pensado apenas como ponto extremo, como fim ou limitação, mas também como aquilo que pode ou deve ser transposto.

Isso é bem verdade, mas “limites” também podem remeter a fronteira da

intimidade, ou seja, ao controle do acesso dos outros a nossa pessoa. (La Taille, 2001)

Nessas abordagens, o autor nos aponta aspectos que dizem respeito ao desenvolvimento da criança (moral, social e psicológico) como usos educativos. “Limites” no sentido geralmente usado e que é ressaltado pela retribuição que é dada pelos educadores ligando-o a (in) disciplina expressando também queixas em relação aos mais jovens como se esses realmente não tivessem limites para nada; o que como já dissemos é uma inverdade:

[...] a maioria das crianças de hoje na verdade é sufocada por tantos limites: são convidadas a permanecer em seu “mundo” infantil ou adolescente, são desestimuladas a valorizar a procurar excelência e o auto-respeito, todavia se os entendermos como fronteiras que não devem ser transpostas, é em geral correto afirmar que lhes faltam limites. Na verdade, são duas faces de uma mesma moeda: freqüentemente é a mesma pessoa que não transpõe os limites a serem superados, e que atravessa aqueles a serem respeitados. (LA TAILLE, 2001, p. 51).

Nesse recorte o autor afirma que a colocação de limites no sentido restritivo do mesmo faz parte da educação, e por tanto, a ausência deles pode gerar uma crise de valores e ainda que a não colocação possa ser prova de humildade como também de grande descompromisso para com os filhos, os alunos e principalmente ao futuro da humanidade.

Sendo assim a escola vem ocupar um papel de suma importância no processo de socialização nossas crianças dando continuidade ao trabalho da família. Desta forma a relação aluno-professor deverá, portanto contribuir para a conquista da autonomia desta criança. Freire (2001, p.249) no diz que:

De modo geral as nossas escolas vêem os adolescentes como rebeldes, destruidores da ordem. Esta devia entender melhor o adolescente. Os adultos

deveriam compreender que a rebeldia faz parte do processo de autonomia. Não é possível ser sem rebeldia. O grande problema é como amorosamente dar sentido produtivo, criador, ao ato rebelde e não acabar com a rebeldia.

Diante de tudo isso que dissemos a respeito da relação interpessoal entre professor-aluno, pode se dizer que cada um destes segmentos na sua função, no seu papel, exerça um poder de decisão com a mesma igualdade de direito, enfrentando-se nas diferenças que cada função exigir e se respeitando acima de tudo.

#### **4.10 O professor e sua prática como educador**

É de suma importância, traçar um aspecto contextual da formação do professor e a sua prática, procurando descobrir como é o seu cotidiano educacional, como pessoa e educador.

Todavia, ao invés de adentrar os obstáculos da alma, façamos uma retrospectiva em nossa vida procurando nos lembrar do que foi importante e o que mais contribuiu para que nós fôssemos o que somos hoje.

É bom ressaltar ainda que uma das bases do programa do desenvolvimento humano se resume a fazer escolhas, tomar decisões ou não, definir o rumo que daremos à nossa própria vida é o que faz o homem ser o que é.

O magistério público é a carreira que conta com o maior número de profissionais em todo país. Todos temos consciência de que é preciso resignificar, isto é, revestir de novo valor, de nosso sentido e de novo significado a educação, a escola, o professor e o aluno. (COSTA, 2001, p.25 -27)

Alguns professores não levam em consideração que algumas atitudes consideradas simples às vezes são tão importantes quanto os concursos de novas

técnicas, tecnologias e modernidades, etc.; não conseguem ver em suas práticas que o fio condutor dessas tecnologias é a sua criatividade, é certo que a questão vocacional se faz presente, do contrário, dificilmente haveria reflexão, soma de interesse, contribuições, em suma, todo um encaminhamento das ações sócio-educativas.

O que se procura ressaltar é que se busca um senso crítico do papel do professor no processo educativo. Espera-se que ele se prepare adequadamente para poder exercer sua função visando não só o campo político, mas a competência técnica e científica que a mesma exige.

Nóvoa (2002, p. 23) diz que “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares:” a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”. Para esse estudioso a formação continuada se dá de maneira coletiva e dependente da experiência e da reflexão como instrumento contínuos de análise e este deve estar consciente de que a sua formação é permanente e não deve se abster de estudar. O prazer pelo estudo e a leitura deve ser evidente senão não irá conseguir passar esse gosto para seus alunos, pois é certo que se o professor aprende com prazer, certamente ensinará com prazer também.

O conhecimento que permite o desenvolvimento mental se dá na relação com os outros nessa perspectiva o professor constrói sua formação fortalece e enriquece seu aprendizado. Por isso é importante ver a pessoa do professor e valorizar o saber de sua experiência.

Para Nóvoa (1997, p.26), “a troca de experiência e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a

desempenhar simultaneamente, o papel de formador e formando”.

O trabalho em equipe e o trabalho interdisciplinar se revelam importantes. Quando as decisões são tomadas em conjunto desfavorece, de certa forma, a resistência às mudanças e todos passam a ser responsáveis para o sucesso da aprendizagem na escola.

O sucesso do professor, o espaço ideal para seu crescimento, sua formação continuada, pode ser também seu local de trabalho.

Estudos apontam que existe a necessidade de que o professor seja capaz de refletir sobre sua prática e direcionamento e direcioná-la segundo a realidade em atua, voltada aos interesses e as necessidades dos alunos.

Donald Schön o idealizador do conceito de Professor Prático-Reflexivo, percebeu que em várias profissões, não apenas na prática docente, existem situações conflitantes, desafiantes, que a aplicação de técnicas convencionais, simplesmente não resolve problemas.

Abandonar a utilização da técnica na prática docente não é o que se trata aqui, mas haverá momentos em que o professor estará em situações conflitantes e ele não terá como guiar-se somente por critérios técnicos pré-estabelecidos.

Schön (1997) identifica nos bons profissionais uma combinação de ciências, técnica e arte. É esta dinâmica que possibilita o professor agir em contextos instáveis como o da sala de aula. O processo é essencialmente meta cognitiva, pela qual o professor dialoga com a realidade que lhe fala, em reflexão permanente.

Diz-nos, Schon (1997, p.87)

“[...] Nessa perspectiva o desenvolvimento de uma prática reflexiva eficaz tem que integrar o contexto institucional [...] E os responsáveis escolares que queiram encorajar os professores a tornarem-se profissionais reflexivos devem criar espaços de liberdade tranqüila onde a reflexão seja possível [...] Aprender a ouvir os alunos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja possível ouvir os alunos - devem ser olhados como inseparáveis”.

Propõe-se na prática-reflexiva levar em conta uma série de variáveis no processo didático, seja aproveitando, seja buscando um processo de meta cognição onde o professor perceba os efeitos de sua atuação na aprendizagem de seus alunos.

Nesse aspecto, a real valorização do magistério precisa ter três alicerces sólidos: boa formação inicial, boa formação continuada e boas condições de trabalho, salário e carreira.

Para a formação do professor, a universidade ocupa um papel essencial, mas não a única. O desenvolvimento profissional corresponde ao curso superior somado do conhecimento acumulado ao longo da vida. Uma boa graduação é necessária, mas não basta, é importante atualizar-se sempre.

A valorização e melhor remuneração que o profissional docente almeja, depende em boa parte de formação e atuação profissional.

A formação oportuniza o professor não só o saber em sala de aula. Ele precisa conhecer as questões educacionais, as diversas práticas nas perspectivas, sócio-cultural. E ainda, precisa conhecer o desenvolvimento do seu aluno nos seus múltiplos aspectos: afetivo, cognitivo e social, bem como refletir criticamente sobre seu papel frente a seus alunos e a sociedade.

Munido desses saberes fundamentais, os frutos serão colhidos dentro e fora da sala de aula quando então, espera-se que tenhamos cidadãos mais críticos,

participativos e conscientes de seus direitos e deveres para com a sociedade e consigo mesmos.

## **5. Metodologia**

---

Com o objetivo de apresentar os métodos utilizados no presente trabalho, este capítulo trata de uma descrição da metodologia utilizada durante esta monografia.

### **5.1 Caracterização da pesquisa**

Conforme o que se propõe nos objetivos deste trabalho, ele caracteriza-se pela natureza qualitativa. Para Bogdan e Biklen (apud LÜDKE, Menga. 1986), a pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Assim, a pesquisa qualitativa busca verificar se uma determinada característica está presente na população pesquisada.

A pesquisa qualitativa possui uma abordagem interpretativa, na qual o autor assume o papel de interpretador do ambiente no qual a pesquisa será realizada. A pesquisa é feita em sua totalidade através de métodos não experimentais, contendo em grande parte dos casos uma análise dos dados representados verbalmente. A metodologia qualitativa é apropriada quando tratamos de uma complexidade social, não tendendo à quantificação, então se torna propício para um entendimento cultural. Assim é necessário, ao método qualitativo, aprender a observar, registrar e analisar as reais interações entre seus participantes ou entre eles e o sistema que os compõem.

De forma indutiva, na pesquisa qualitativa o pesquisador desenvolve conceitos, idéias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de “coletar” dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos preconcebidos. Assim, a pesquisa qualitativa difere-se da quantitativa, uma vez que não depende sobremaneira da análise de dados estatísticos para suas inferências, ainda que para esta pesquisa nós tenhamos utilizado, por exemplo, do tratamento gráfico e de tabelas para compreender e analisa os aspectos quantificados.

## **5.2 Estudo de caso**

O presente trabalho optou, dentre as várias formas que uma pesquisa qualitativa pode assumir, pelo estudo de caso, sobretudo pelo seu potencial com relações às questões educativas (Menga, 1986). Outro fundamento que reforça esta escolha reside no fato de caracterizar na escolha de uma escola em um universo de várias unidades de ensino. É um interesse único e particular assumido por este trabalho ainda que em, outro momento, seus resultados possam assemelhar-se ao universo de outras escolas.

O estudo de caso se caracteriza por ser um estudo em constante desenrolar, assumindo novos conhecimentos à medida que ocorrem novas descobertas, novas indagações em seu percurso, justamente por sua riqueza em dados, como as ações, complexidades das pessoas, suas inter-relações entre alunos e professores. Enfim, toda a dinâmica que assume uma sala de aula ou uma escola.

A dinâmica de uma sala de aula suscita, por exemplo, divergências de opiniões, de ações em uma situação conflitante. A esta questão cabe ao pesquisador analisá-la e ao mesmo tempo inserir o seu próprio ponto de vista relativo àquela questão, tornando-se assim, representativa, sob vários ângulos, a situação tratada. Desta forma, não é apenas a situação em si posta em discussão, mas também o ponto de vista do autor do estudo. O quadro exposto, sob várias nuances, permite ao leitor uma análise mais democrática.

Com o objetivo de conclusão para o estudo de caso, este se utiliza de uma variedade de meios. Em seu desenvolvimento o autor recorre a observações na sala de aula, durante o intervalo (tanto para os alunos como professores) entrevistas e questionários. Diante da variedade de informações, o pesquisador formula e reformula hipóteses, descobre novos dados, cruza informações, etc.

## **5.3 A Entrevista**

Um dos instrumentos básicos para a coleta de dados utilizados nesta monografia foi a entrevista. Largamente utilizada na mídia, tornou-se dona de um importante papel na comunicação, ora utilizada de forma inteligente e noutras tantas ocasiões de forma canhestra. De grande utilidade para a pesquisa em educação, há que se

observar as exigências deste instrumento.

Há inúmeras definições quanto ao significado do que seja entrevista, desde a simples respostas como um diálogo entre seus pares com o objetivo de busca de alguma informação ou outras elaboradas, para Gil (1995, p113)

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como uma fonte de informação.

A entrevista caracteriza-se por sua interação entre o pesquisado e pesquisador, assim o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção de dados que interessam à investigação. Seu diálogo é assimétrico, onde há uma constante busca de respostas para as indagações.

Dentro das ciências sociais, a entrevista é uma das técnicas mais utilizadas para a coleta de dados, fornecendo informações a respeito dos conhecimentos, sentimentos, desejos, pretensões e ações das pessoas, permitindo ainda levantar dados a respeito das razões pelas quais as coisas foram feitas; as entrevistas permitem compreender a biografia de uma pessoa, suas experiências, opiniões, valores, aspirações, sentimentos e atitudes.

Devido a sua interação, reflete um comportamento de diálogo entre as partes envolvidas, particularmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, aquelas em que não há um rígido controle na ordem das questões, verifica-se uma natural conversa, o que provoca no entrevistado uma fluência nas informações que ele detém. Então, neste momento alcança-se o seu objetivo: a obtenção das respostas.

O tipo de entrevista mais adequado para o presente trabalho recaiu em um esquema mais livre, semi-estruturada e flexível. Para LUDKE (1996), com este tipo de entrevista obtêm-se as informações desejadas, uma vez que o universo de entrevistados se compõe de professores e alunos, tornando-se mais acessíveis através de um instrumento mais flexível como uma entrevista não estruturada. A utilização de um roteiro como guia da entrevista torna-se necessário o que refletirá

uma seqüência lógica da entrevista, evitando saltos bruscos entre as questões formuladas previamente.

As exigências requeridas por uma entrevista encontram-se ancoradas em um respeito pelo entrevistado. Assim, o horário marcado para a entrevista, o sigilo e o anonimato, conforme objetivos da entrevista deverão ser cumpridos pelo entrevistador. Além destas prerrogativas, LUDKE (2001, p.35) afirma que:

Uma das principais distorções que invalidam freqüentemente as informações recolhidas por uma entrevista é justamente o que se pode chamar de imposição de uma problemática. [...] Muitas vezes, apesar de se utilizar de vocabulário cuidadosamente adequado ao nível de instrução do informante, o entrevistador introduz um questionamento que nada tem a ver com seu universo de valores [...] E a tendência do entrevistado, em ocasiões como essas, é a de apresentar respostas que confirmem as expectativas do questionador, resolvendo assim de maneira fácil uma problemática que não é sua.

Realizar uma entrevista pede ao entrevistador uma atenção permanente aos objetivos do trabalho, obrigando o pesquisador uma atenção disciplinada quanto à escuta do que é dito pelo entrevistado ou gesticulado, a exemplo das expressões faciais, movimentos com o corpo que em muitas vezes substituem as palavras. Observadas as regras necessárias para a elaboração e execução de uma entrevista, esta fornece elementos significativos para a interpretação posterior a um depoimento o que torna o desempenho do trabalho mais denso.

#### **5.4 O questionário**

Um outro instrumento para coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi o questionário. Esse consiste na técnica de investigação composta por um número reativamente elevado de perguntas apresentadas por escrito para as pessoas, tendo por objetivo a revelação de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc. Um questionário não é uma simples listagem de questões, e sim um instrumento de coleta de dados que procura mensurar alguma coisa, exigindo esforço prévio de planejamento no sentido de definição do problema a ser pesquisado, da definição e operacionalização das categorias de estudo, entre outros aspectos.

O questionário apresenta uma série de vantagens: permite atingir grande número de pessoas, mesmo dispersas; não exige gastos com treinamento de entrevistadores; garante o anonimato dos respondentes; abre a possibilidade das pessoas o responderem no momento mais conveniente; diminui a interferência do pesquisador sobre os pesquisados. Do contrário, ele também apresenta desvantagens e limitações: excluem da pesquisa os analfabetos; não permite tirar dúvidas quando das respostas; o pesquisador pouco ou nada sabe sobre o contexto em que o questionário foi respondido; não há nenhuma garantia de que as pessoas o devolvam corretamente preenchido; deve ser restrito, envolvendo número limitado de perguntas; dificulta a objetividade, pois, embora as perguntas sejam as mesmas para todos, não há como garantir igualdade de interpretação das respostas.

## **6. Resultados**

---

### **6.1 Relacionamento professor alunos – Visão do aluno**

Nossa pesquisa foi realizada numa das turmas da oitava série do turno matutino que contempla a 41 alunos, sendo que apenas 36 responderam às nossas perguntas. Dentre estes alunos mais ou menos 25% estão acima da idade própria, alguns já repetentes e outros apresentam problemas de comportamento no que diz respeito a limites e cumprimento de algumas regras impostas pela escola.

Numa pesquisa realizada detectou-se que pelo menos 16 alunos conhecem algum tipo de drogas u pelo menos já experimentaram. Alguns vivem numa família desajustada ou não vivem com os pais, outros são beneficiários de algum projeto do governo e muito poucos possuem computador em casa embora, quase todos tenham acesso à internet por freqüentarem as lan houses.

Abaixo mostramos as respostas relativas ao questionário aplicado a professores e alunos durante o mês de março de 2007.

#### **1ª Pergunta**

Como você considera as aulas hoje?

São úteis e aprendemos muito. (20 alunos)

São inúteis, porém aprendemos alguma coisa. (16 alunos)

São inúteis e que não aprendemos nada. (0 aluno)

São úteis, porém não aprendemos nada. (0 aluno)

Outra resposta: não houve

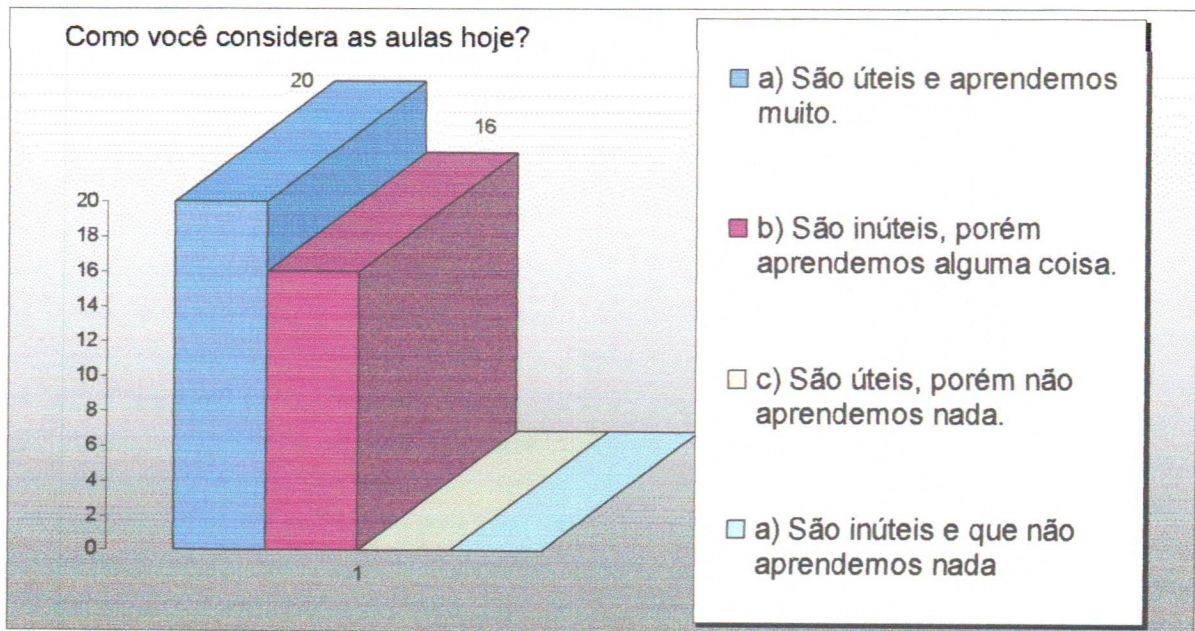


Gráfico 1 – Como você considera as aulas hoje?  
Fonte: Dos Autores

### 2ª Pergunta

Como o professor reage frente a pontos de vista dos alunos?

O professor às vezes aceita a nossa opinião. (20 alunos)

O professor geralmente aceita a nossa opinião. (16 alunos)

O professor nunca aceita nossa a opinião (0 aluno)

Outra resposta: não houve

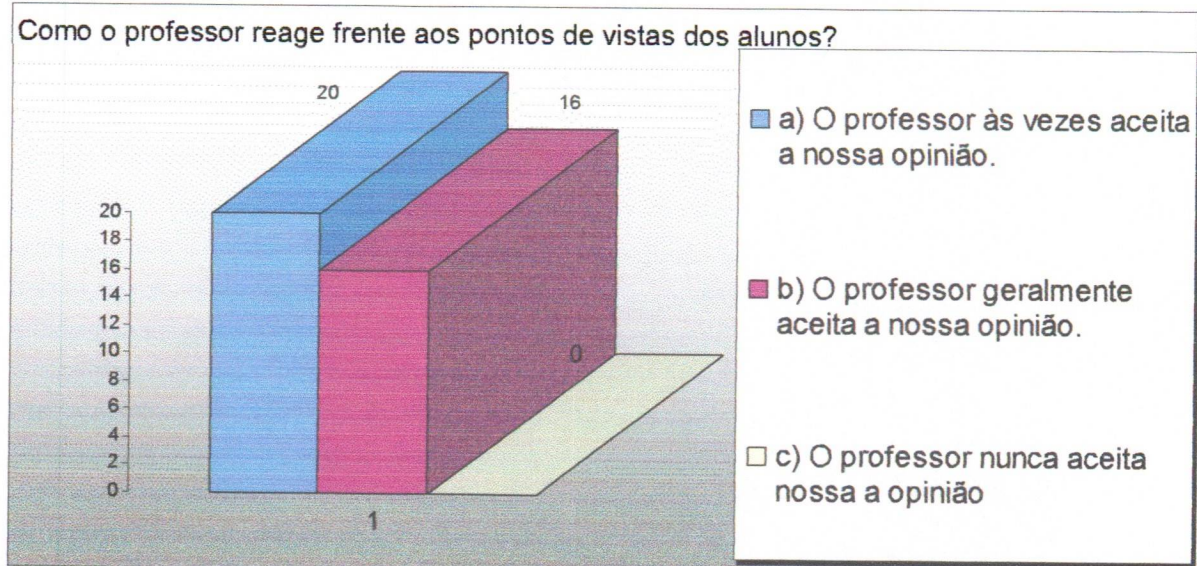


Gráfico 2 – Como o professor reage frente a pontos de vista dos alunos?  
Fonte: Dos Autores

### 3ª pergunta

O que facilita o relacionamento entre professor/aluno

Questão subjetiva com as seguintes respostas:

O modo que professor trabalha	O respeito e a educação
O respeito, a educação e o comportamento.	Comportamento e atenção
O diálogo e a convivência	O respeito
A educação entre ambas as partes e a compreensão	Mais diálogo
O diálogo entre o professor e os alunos de forma geral	A educação e o comportamento

Tabela 1

#### 4ª pergunta

Na relação com os alunos, os professores usam de autoridade ou autoritarismo durante as aulas?

Autoridade (20 alunos)

Autoritarismo (16 alunos)

Outra resposta: não houve

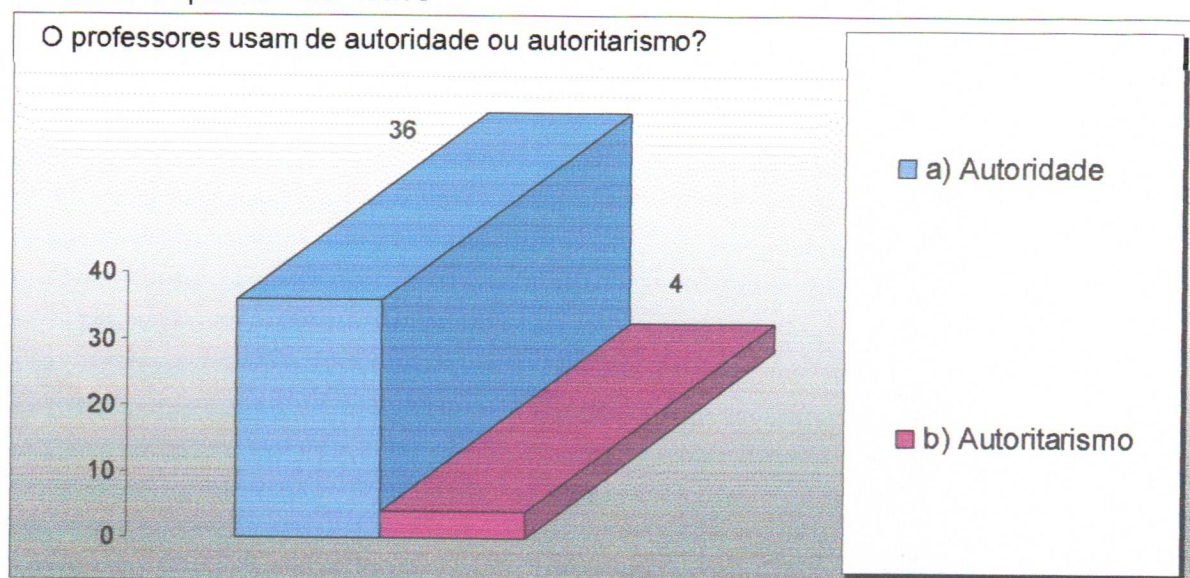


Gráfico 4 – Na relação com os alunos, os professores usam de autoridade ou autoritarismo durante as aulas?

Fonte: Dos Autores

#### 5ª pergunta

O professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam o que foi dado na aula?

O professor sempre demonstra preocupação de que os alunos aprendam. (8 alunos)

Nunca o professor demonstra essa preocupação. (0 aluno)

Ocasionalmente o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam. (16 alunos)

Raramente o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam

(12 alunos).

Outra resposta: não houve

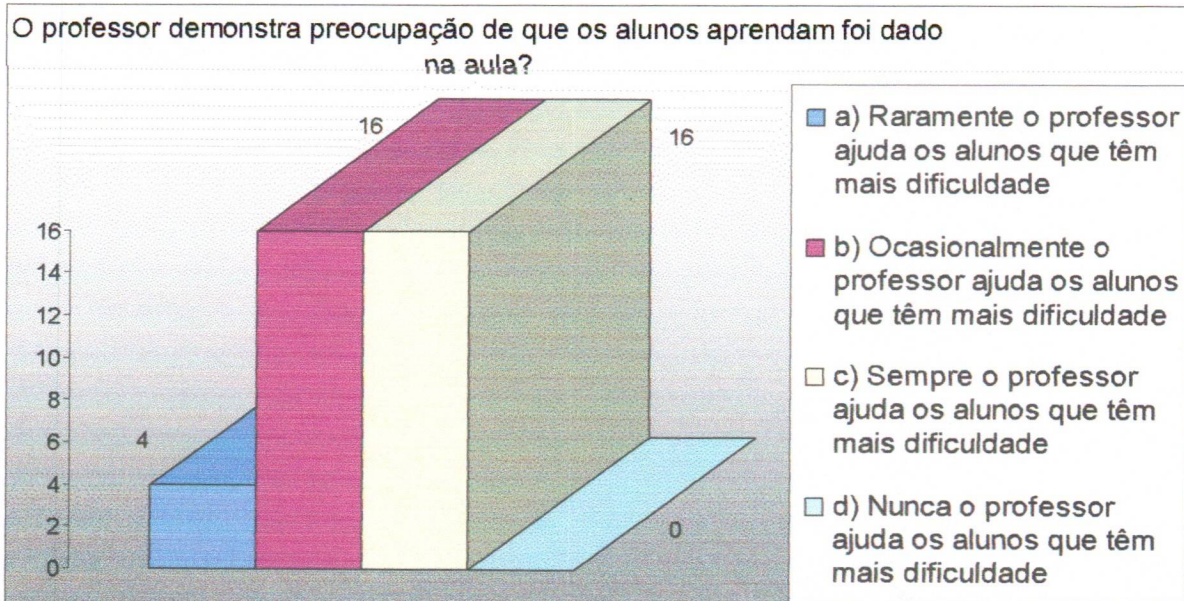


Gráfico 5 – O professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam o que foi dado na aula? Fonte: Dos Autores

### 6ª pergunta

O professor procura ajudar os alunos que têm mais dificuldade na aprendizagem?

Raramente o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade (4 alunos)

Ocasionalmente o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade. (16 alunos)

Sempre o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade (16 alunos)

Nunca o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade. (0 aluno)

Outra resposta: não houve

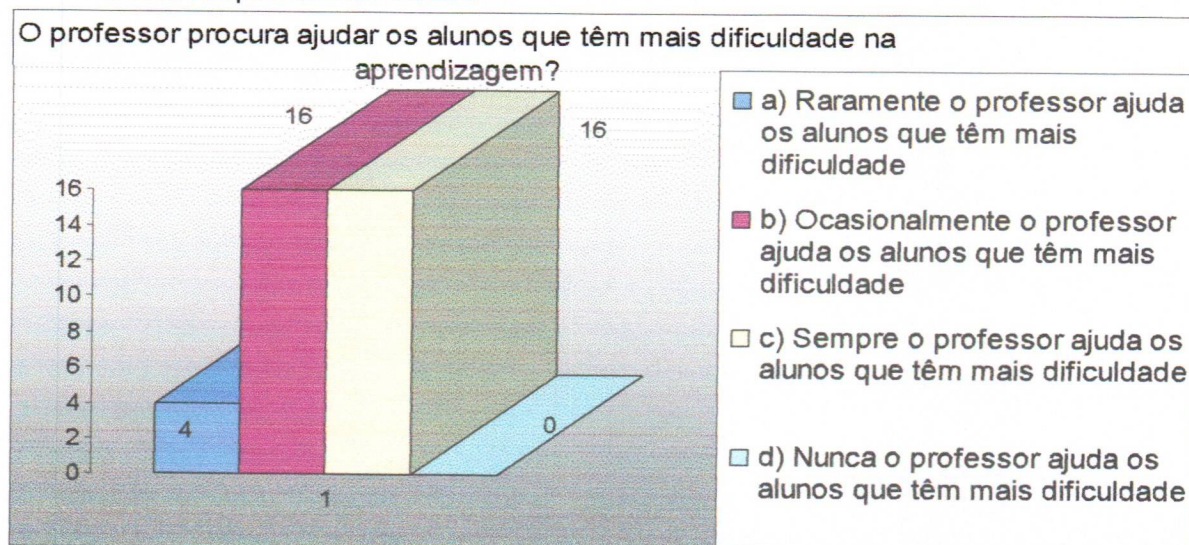


Gráfico 6 – O professor procura ajudar os alunos que têm mais dificuldade na aprendizagem? Fonte: Dos Autores

### 7ª pergunta

O professor responde às perguntas dos alunos?

- O professor sempre responde (32 alunos)
- O professor às vezes responde, às vezes não. (4 alunos)
- O professor nunca responde (0 aluno)
- Outra resposta: não houve

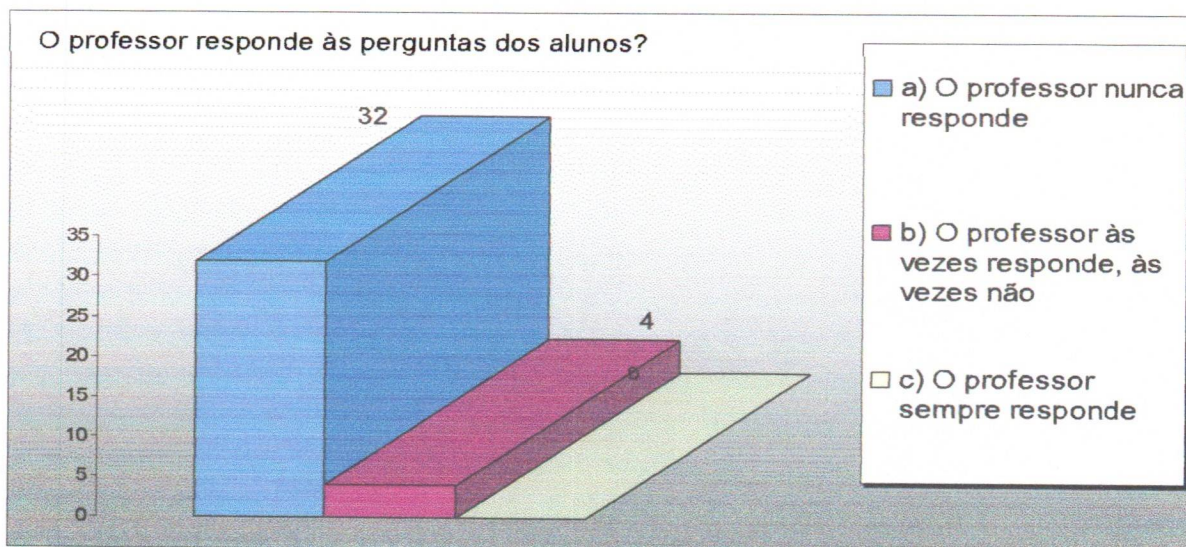


Gráfico 7 – O professor responde às perguntas dos alunos? Fonte: Dos Autores

**8ª pergunta**

- O professor é acessível ao aluno?
- Raramente o professor é acessível ao aluno (12 alunos)
- O professor sempre é acessível ao aluno (16 alunos)
- O professor nunca é acessível ao aluno (4 alunos)
- Outra resposta: não houve

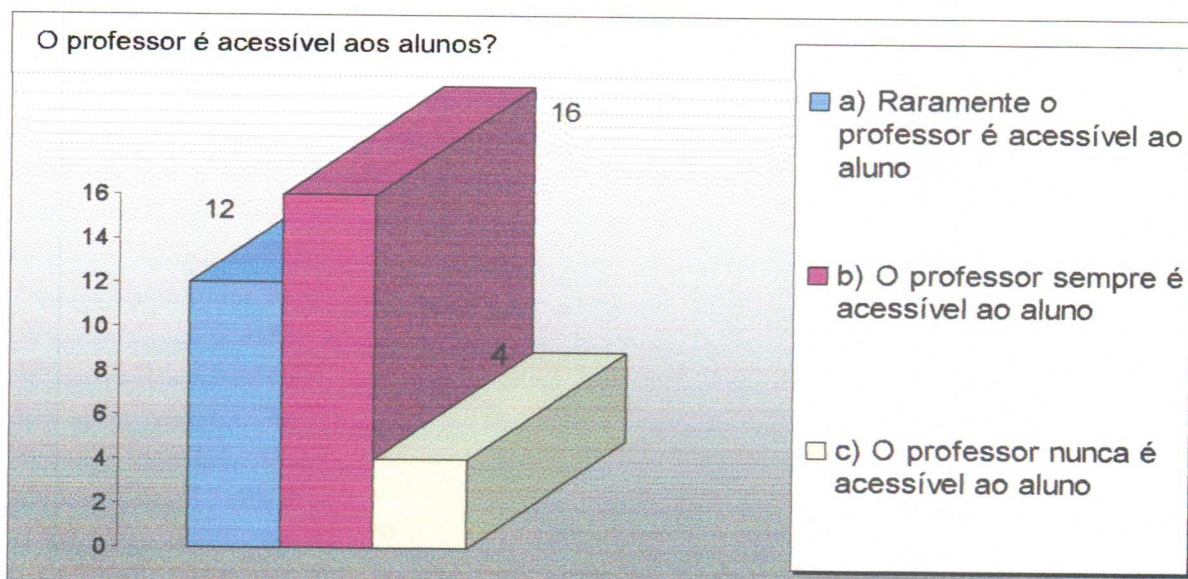


Gráfico 8 – O professor é acessível ao aluno? Fonte: Dos Autores

**9ª pergunta**

- O professor é sensível (tem consideração) com relação aos problemas gerais extra-classe dos alunos?

É insensível aos problemas extra-classe dos alunos (4 alunos)  
O professor leva em conta os problemas extra-classe dos alunos (24 alunos)  
Raramente o professor leva em conta os problemas extra-classe dos alunos.(8 alunos)  
Outra resposta:

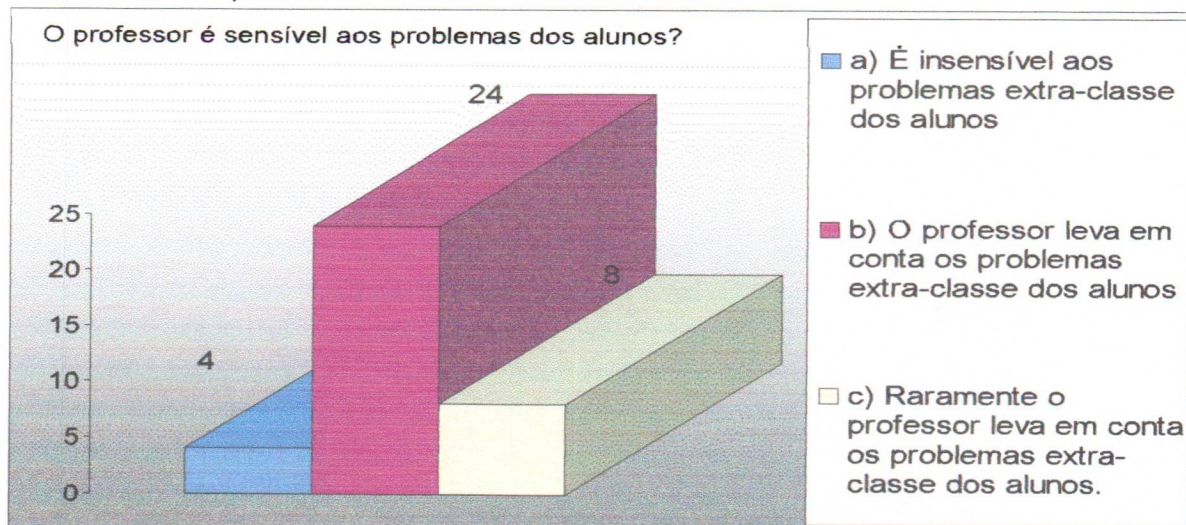


Gráfico 9 – O professor é sensível (tem consideração) com relação aos problemas gerais extra-classe dos alunos? Fonte: Dos Autores

### 10ª pergunta

Cite uma experiência positiva e uma experiência negativa de relacionamento com os professores.

#### Experiência positiva

O professor respondeu minha pergunta; uma aula diferente; alguns professores dão o melhor de si para ajudar o nosso aprendizado; os professores têm um pouco de paciência; a experiência que tive com a professora mais rígida do colégio.

#### Experiência negativa

O professor não respondeu minha pergunta; o professor me pegou pescando; Alguns professores não estão nem aí, somente dão aula não se importando se o aluno está ou não aprendendo; às vezes não ouvem o que temos a dizer.

## 6.2 Relacionamento professor-aluno – Visão do professor

Os professores entrevistados por nós foram denominados P1, P2, P3, P4 e P5, respectivamente por motivos óbvios de sigilo de identidade, mas alguns pormenores a respeito dos mesmos nos foi dado, Tais como: o professor P1, nos disse que atua na área de educação há 27 anos, todos em sala de aula, embora nesta escola haja apenas 14 anos com uma carga horária de 40 horas. É graduada em Geografia e pós-graduada em Psicopedagogia e Métodos de Técnicas de Ensino, só que em sala de aula atua na área de Matemática que é justamente outro viés de sua formação.

Os professores P2 e P4, são graduados também em Geografia e atuam como professores há mais ou menos 14 e 15 anos, com uma carga horária de 40 horas também.

O P3 é formado em História e atua na mesma área nessa escola há quase 10 anos e P5 é professor há 22 anos e no Frei José sua trajetória já conta com 13 anos. Graduada em Letras e pós-graduada em Planejamento Educacional. Todos se dizem descontentes com o nosso sistema de ensino por tratar com grande desrespeito a classe e a Educação de modo geral.

### 1ª pergunta

O seu relacionamento com o aluno acontece de forma:

	Excelente	Bom	Regular	Ruim
Nº. de repostas	1	4	0	0
Outra	Não houve			
Professor	P1	P2, P3, P4 e P5		

Tabela 2

### 2ª pergunta

De que maneira você reage ao ser agredido moralmente por um aluno?

	Ignoro (finjo que não é comigo).	Converso com o aluno procurando entendê-lo e mostrando como deve ser o relacionamento entre o docente e discente	Respondo à altura	Levo a situação para a direção da escola
Nº. de repostas	0	5	0	1
Outra	Não houve			
Professor	P1, P2, P3, P4 e P5			

Tabela 3

### 3ª pergunta

A que se deve o comportamento agressivo do aluno?

	Conflitos com sua família.	Falta de perspectiva de vida do ponto de vista profissional, social.
Nº. de repostas	5	4
Outra	Não houve	
Professor	P1, P2, P3, P4 e P5	

Tabela 4

### 4ª pergunta

No que concerne ao desempenho escolar, como é o rendimento destes alunos agressivos?

	Excelente	Bom	Ruim	Regular
Nº. de repostas	0	0	2	3
Outra	"Nem sempre o mais agressivo é o que tem menor rendimento". P2 "Os alunos que possuem uma base conseguem obter um rendimento regular." P3			
Professor			P1, P3 e P4	P3 e P5

Tabela 5

### 5ª pergunta

Que estratégia você lança mão para se relacionar com estes alunos?

	Observo atentamente seu comportamento para em seguida me aproximar através do diálogo	A punição, como a suspensão, ainda é a melhor maneira de lidar com tais alunos.	Ignoro esse tipo de aluno
Nº. de repostas	5	0	1
Outra	"Há casos que após tentativas de aproximação fracassadas, acabo ignorando alguns alunos." P3		
Professor	P1, P2, P3, P4 e P5		P3

Tabela 6

### 6ª pergunta

Durante sua aula, seu comportamento reflete autoridade ou autoritarismo?

	Autoridade	Autoritarismo
Nº. de repostas	5	0
Outra	Não houve	
Professor	P1, P2, P3, P4 e P5	

Tabela 7

### 7ª pergunta

Como você vê o papel do professor em sala de aula?

(P2)	"Como orientador."
(P1 e P3)	"Como um agente mediador da aprendizagem."
(P4)	"Como alguém que tem que superar dificuldades, não ser chato, passar o conteúdo e ver o aluno como ser que é capaz, mesmo não tendo afinidade com alguma disciplina que ensina."
(P5)	"Como uma pessoa de muita importância na vida do aluno. Pois, o professor é referencial para o aluno."

Tabela 8

### 8ª pergunta

Como você vê o papel do aluno em sala de aula?

(P1)	"De alguém disposto a aprender, buscando melhoria para a sua qualidade de vida."
(P2)	"Produtor de conhecimento."
(P3)	"O aluno é o sujeito da aprendizagem."
(P4)	"O aluno em sala de aula não está interessado apenas em aprender o conteúdo, existe uma verdadeira carência em se relacionar, em ser ouvido pelos colegas."
(P5)	"O aluno não vê a sala de aula como sendo o lugar só para aprendizagem. A sala está sendo também, ou a maioria das vezes o lazer deles."

Tabela 9

### 9ª pergunta

Os alunos têm respeito por você na sala de aula?

(P1)	Sim, o respeito recíproco é essencial para o bom relacionamento do processo ensino-aprendizagem
(P2, P3 e P5)	Sim
(P4)	Considero que sim

Tabela 10

### 10ª pergunta

Você esclarece a dúvida dos alunos?

(P1)	Claro. Dentre as várias atribuições da nossa tarefa, uma delas é a de tirar as dúvidas dos alunos.
(P2 e P3)	Sim
(P4)	Sim, sendo esclarecidas com uma nova explicação do que foi exposto.
(P5)	Claro

Tabela 11

### 11ª pergunta

Qual sua opinião quanto à indisciplina dos alunos?

(P1)	É ela que dificulta todo o processo ensino-aprendizagem. Sem ela tenho certeza de que o nosso trabalho seria menos penoso
(P2)	São vários fatores: problemas em casa, falta de planejamento das aulas.
(P3)	A falta de base na família e perspectiva de vida reflete quanto a indisciplina dos alunos
(P4)	Uma questão familiar, pois muitos não conseguem superar seus conflitos familiares e chegam aqui sem motivação para estudar.
(P5)	É uma questão de falta de limite em casa. Os pais presente na vida dos alunos, determinam como ele será com os outros.

Tabela 12

### 12ª pergunta

Cite uma experiência positiva e uma experiência negativa de relacionamento com os alunos.

### Experiência positiva

(P1)	Ano passado levei as turmas de 8ª série para a feira do conhecimento, no colégio Iolanda. Na sala de aula, passei alguns comandos para que não houvesse nenhum problema nessa saída. Para minha surpresa, todos seguiram esses comandos, apresentando disciplina e interesse pela feira.
(P2)	Acompanhamento dos alunos através de ficha que demonstrou a individualidade dos alunos.
(P3)	São vários os casos de alunos que declaram nos amar e que gostam da forma como trabalhamos.
(P4)	Montar com alunos stands para mostra cultural
(P5)	A convivência com eles é gratificante pois me relaciono muito bem com todos. Não tenho problemas.

### Experiência negativa

(P1)	Não me recordo de nenhuma
(P2)	Tentativa de aproximação com alunos, conversa com os pais dos mesmos alunos e não ver muita mudança.
(P3)	Quando o aluno rebateu meus apelos de fazer silêncio nas aulas com palavrões e gestos agressivos.
(P4)	Realizar atividade oral quando alguns alunos se recusam.
(P5)	Não tenho a relatar

Tabela 13

## 7. Interpretando os resultados

---

### 7.1 Dos alunos

Para os alunos o importante e o que facilita numa relação com o professor é o diálogo, a convivência, a atenção, a compreensão, o respeito. Estas observações comportam uma proximidade professor-aluno extremamente direta e subjacente do ponto de vista espacial. Trata-se de uma relação *corpo a corpo*, entre olhares, gestos que intencionam afetividade. O ambiente escolar não é apenas constituído de troca de conhecimentos das disciplinas formais, vai mais além, como descortinar o expressar, as opiniões. A relação de afetividade ganha força nas relações escolares no momento em que se realiza a relação pessoa-pessoa. Do contrário como evitar e relação pessoa-pessoa numa sala de aula convencional? Conforme La Taille,

Vygotsky explica que o pensamento tem sua origem no campo da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Neste campo estaria a razão última do pensamento e, assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva. Apesar de a questão da afetividade não receber aprofundamento em sua teoria, Vygotsky evidencia a necessidade das conexões entre as extensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico humano, submetendo uma abordagem concomitante das referidas extensões. ([www.eduquenet.net/afetividade.htm](http://www.eduquenet.net/afetividade.htm), acesso em 22/02/07).

A opção de uma resposta aos alunos, “O professor nunca aceita a nossa opinião”, não pontuada pelos alunos, deixa clara a existência de uma negociação entre docentes e discentes estabelecendo uma relação de interação. Nesse ponto, negociar não significa desautorizar o professor, mas estar em permanente disposição para os anseios dos alunos, estabelecendo um convívio de não autoritarismo. Por outro lado, ao responderem em sua maioria (56%) que o “professor às vezes aceita a nossa opinião” denota um limite estabelecido pelo

docente. Este limite estabelecido na sala de aula afunila para uma relação assimétrica, contudo necessária, que pode culminar em práticas não desejáveis para um ambiente democrático. Para Longarezi

[...] o que está em jogo para o professor, é a idéia de que para se ensinar é preciso, antes, disciplinar o aluno. E qual é essa disciplina? Quando se fala em disciplina, em geral, se fala em ordenamento, o que, muitas vezes, remete à idéia de coação entre as pessoas. Por isso é que, enveredar por esse caminho, pode ser perigoso. Entretanto, é preciso reconhecer que, embora existam muitas maneiras de se ordenar as condutas, esse ordenamento não deve estar associado a práticas de dominação e subordinação. Se a ordem é realmente necessária não precisa ser estabelecida por relações autoritárias. Para a construção da ordem, da disciplina, são necessárias regras que estabeleçam o que é ou não permitido, mas, veja bem, regras que ordenem e não que dominem. ([www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/vol03/09/art02.htm](http://www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/vol03/09/art02.htm), acesso em 10/01/07).

Sobre o autoritarismo, se existe ou não na relação com os professores, disseram haver o estabelecimento de autoridade pelos docentes. O autoritarismo denota que o outro não existe e ao mesmo tempo exige condutas impossíveis de realização pelo próprio autoritário. Um outro equívoco da conduta autoritária concentra-se apenas em uma parte envolvida diante de um relacionamento. O autoritarismo como herança que se prolonga para sala de aula gera situações conflitantes. Tal postura encarada pelo professor torna o aluno como um receptáculo de informações, tornando-o passivo para agir de acordo com sua manipulação. A atitude manipuladora do professor denuncia uma violência na escola. Segundo Koehler

[...] é neste ambiente, que a interação deveria acontecer de forma respeitosa, sem coerção, sem "coisificar"; mas é neste local que pode ocorrer a construção de uma cultura abusiva no relacionamento interpessoal, no que diz respeito à responsabilidade do professor sobre a criança e/o adolescente. (<http://www.delo.ucpel.tche.br>, acesso em 10/02/07)

Autoridade na sala de aula significa um ambiente em que prevalece o ouvir e falar dentro de um clima que possibilite o diálogo entre as partes. Por tratar-se de uma sala de aula, é natural que o professor exerça o papel de líder, coordenador, e por isso mesmo dispõe de prestígio junto ao aluno. Ao optarem, em sua maioria por esta alternativa, os alunos deixam transparecer reciprocidade dentro do convívio na sala. Por outro lado faz-se necessário diferenciar a autoridade carregada de autoritarismo. Novais relata que a

[...] autoridade vem sendo confundida em nossas instituições escolares com autoritarismo. Assim, ter autoridade tem equivalido a ser autoritário com os aprendizes, não lhes dando direito de se posicionarem em relação a diversas questões que ocorrem no contexto escolar. De acordo com essa visão, o aluno se cala não por crer na autoridade docente, mas por temer as punições e ameaças implícitas ou explícitas do professor autoritário. Dessa forma, a relação professor-aluno vai se enfraquecendo diariamente nessa batalha desigual, onde o primeiro tem todas as armas contra o segundo. ([http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v7n1/C\\_Elaine2.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v7n1/C_Elaine2.pdf), acesso em 10/03/07)

A autoridade não passa pelo uso abusivo de punições, como notas baixas e ameaças de reprovação, mas por um estabelecimento de regras que legitime o papel do professor. Este convencimento da palavra passa pela habilidade do professor ao enfrentar as situações rotineiras de uma sala de aula.

## **7.2 Dos professores**

Para o professor o seu relacionamento com os alunos é bom e ao serem agredidos moralmente agem de forma a dialogar procurando entendê-los e mostrando-os como deve ser o relacionamento. O diálogo habita o meio escolar, não apenas o da oralidade, mas o dos gestos, sinais, mímica, etc. A educação, para

Paulo Freire, tem como objetivo promover e ampliar a visão de mundo, para tanto apenas acontece quando há uma relação mediatizada pelo diálogo. Contrariamente, o monólogo apenas deposita conhecimento no outro. A atitude dialógica, antes de tudo, é uma atitude de amor, humildade e fé nos homens, no seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar (FREIRE, 1987.81).

Para Paulo Freire, o diálogo entre educador-educando-objeto se inicia antes da situação pedagógica na escola. A pesquisa da cultura vocabular e das condições de vida do educando servem como instrumento para aproximar o educador-educando-objeto. Isso acontece em um ambiente democrático, conscientizador e libertador, por isso dialógico.

Diante do comportamento agressivo do aluno que estratégia o professor lança mão para se relacionar com estes alunos? Os professores, respondendo a esta pergunta, optaram pela alternativa que observa atentamente seu comportamento para em seguida dialogar com ele. Entre os professores, apenas um colocou a opção que ignora esse tipo de aluno. Observando a única resposta em que o aluno é ignorado, desfaz-se relativamente o diálogo entre professor e aluno conforme assinalado outrora em outras perguntas dirigidas aos professores.

Alguns relatos de professores apontam para uma contradição na relação professor-aluno. Ainda que relatem uma relação de diálogo com os alunos, ao serem observados em sala de aula suas posturas denotam o contrário.

[...] apontam para um esquema antidialógico, ou seja, uma relação vertical no qual o diálogo é utilizado como instrumento de coação por parte das professoras. Resultando em uma comunicação insuficiente e conseqüentemente uma relação entre professor e aluno deficitária. (<http://www.paulofreire.org.br>, acesso em 10/02/07).

Novais (2004) aborda dois tipos de autoridades: autoritárias/liberal. A primeira tem como característica principal a obediência dos alunos, mas uma obediência em que não acreditam na autoridade docente, obedecendo porque são obrigados e não por possuírem outra escolha, o que significa que obedecem, mas não respeitam, daí resultar em um círculo vicioso. Este círculo vicioso gera mais indisciplina, mais desrespeito e intensificando a postura de docente como autoritário. Já a liberal é decorrente da relação professor-aluno. É vista de forma legítima através do seu conhecimento enquanto professor e líder da sala onde o aluno busca uma orientação e simultaneamente o professor se dispõe.

Quanto à indisciplina, os professores observaram que “dificulta todo o processo ensino-aprendizagem”, e que a própria condição social, como problemas familiares, falta de limite dos pais sobre os filhos e desmotivação contribuem para o estabelecimento da situação atual do comportamento dos alunos na sala de aula.

Por outro lado, para os professores, a disciplina é condição fundamental para que ocorra ensino-aprendizagem. Ela assume um papel preponderante, uma vez que funciona como um instrumento a ser utilizado pelo professor com o objetivo de manter um limite nas vontades individuais de aluno, bem como assegurar o controle dos seus impulsos egoístas.

Ainda que a indisciplina concorra para dificultar o ensino-aprendizagem, os professores vêem os alunos “como alguém disposto a aprender, buscando melhoria para a sua qualidade de vida”, como um “produtor de conhecimento” e que “não está interessado apenas em aprender o conteúdo”. Interessa também se relacionar com os outros, ser ouvido pelos seus pares e professores. A aprendizagem, da forma como os professores acham que os alunos pensam, é mais um componente na vida

escolar, uma vez que a escola é também lazer para eles. Isto confirma que a escola não pode ser vista apenas na sua dimensão cognitiva, onde apenas ocorre apropriação dos conhecimentos acumulados, ou mesmo a qualificação para o trabalho. Por fora dos muros da escola há uma efervescência de cultura que todos que lá estão carregam para suas relações durante o período de permanência do início da primeira ao término da última aula.

## **8. Considerações finais**

---

Os resultados deste trabalho apontam para uma relação centrada no diálogo entre professores e alunos na escola. A valorização desta prática está presente nos depoimentos dos alunos. A priorização da relação professor-aluno valoriza o ambiente escolar como um todo e para isso o pleno exercício da autoridade privilegia a convivência social e reconhece a complexidade de seus participantes.

Não se pode esperar um comportamento homogêneo. A todo o momento constata-se a diversidade cultural, em inúmeros modos de agir, pensar e fazer. A estas diferenças cabe ao professor interferir de forma democrática e despreconceituosa. Não se espera de forma alguma a postura de um professor que possua diante de sua classe rancor, rispidez, mau-humor, desrespeito, autoritarismo ou atitudes que envergonhe o aluno.

Por outro lado, espera-se que a escola não se restrinja apenas ao seu espaço intramuros. A família precisa observar as noções de limites aos seus filhos. A educação não se realiza de forma isolada. Os componentes familiares são fundamentais para o acompanhamento escolar do aluno. Não é apenas da escola, mas da sociedade como um todo, aí incluindo os poderes formais como governos, a tarefa de educação. Mas também não nos resta dúvida que cabe a escola sua liderança e maior proposição de redução dos conflitos nas instituições escolares.

Na existência de um ambiente de relações favorável entre professores e alunos residem soluções para os problemas que acompanham a escola e justamente caracterizada, principalmente, pela postura do professor. A postura de autoridade liberal favorece a uma troca de diálogo não apenas do ponto de vista

epistêmico da escola, mas da ótica das relações sociais, do dia-a-dia de uma escola que não deve ser apenas a intenção da relação restrita dos conhecimentos acumulados para o aluno.

Há muito mais na escola do que “o passar conhecimento”. Além da dimensão cognitiva, o aluno, de acordo com o depoimento do professor, encara a escola como um momento de lazer, de relações com os seus pares. E por que não um relacionamento com afetividade com o professor?

O pensamento humano tem suas relações com a afetividade (cf La Taille, 1992), assim o estabelecimento de diálogo franco e verdadeiro entre professor e aluno pressupõe um ambiente de confiança mútua pautado no respeito entre ambos dentro do limite de uma democracia. O não cerceamento do aluno é estabelecido a partir do momento que o professor exerce o papel de condutor, de líder baseado no diálogo.

## 9. Referências

---

1. AQUINO, Júlio Groppa. Relação professor-aluno: do pedagógico ao instrucional. São Paulo; Summus, 1996 (Novas buscas em educação; v42)
2. CABRAL, E.C. A influência da interação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. Campinas. Faculdade de Educ. Universitária de Campinas, 1987 (Dissertação de Mestrado)
3. CECCOM, Claudius. Rio de Janeiro
4. COSTA, Antônio Carlos Gomes da. O professor como educador: um resgate necessário e urgente/ Antônio Carlos Gomes da Costa. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães. 2001
5. DÜRKHEIM, Emile. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos
6. FEITOSA, Sônia Couto. O método Paulo Freire. Disponível em <<http://www.centrorefeducacional.com.br/paulo1.htm>>. Acesso em: 12 de março de 2007.
7. FREIRE, P. Conscientização. Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.
8. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terá. 1996.
9. FRITZEN, Silvano José. Relações humanas e interpessoais; nas convivências grupais e comunitárias/Silvano José Fritzen-Petrópolis: Vozes. 2002.
10. GADOTTI, Moacir. Educação e poder: introdução a pedagogia do conflito. 13.ed. São Paulo: Cortez. 2003.

11. GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1998
12. KOEHLER, Sonia Maria Ferreira. Violência psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno. Disponível em:  
<<http://delo.ucpel.tche.br/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2007.
13. La TAILLE, Yves de. Limites. Três dimensões educacionais/ Yves de La taille- São Paulo: Ática, 2001.
14. LDB, Lei de Diretrizes e Bases art.2: 2004/2006
15. LONGAREZI, Andréa Maturano. Educação moral e limites: princípios norteadores da ação. Disponível em:<[www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/vol03/09/art02.htm](http://www.uniube.br/institucional/proreitoria/propep/mestrado/educacao/revista/vol03/09/art02.htm)>. Acesso em: 10 de janeiro de 2007.
16. MENEZES, I. B. de. Psicopedagogia do escolar: educar para vencer/Isolda Bezerra de Menezes: Rio de Janeiro, Petrópolis; Vozes, 1971.
17. MOURA, Lucilene Tolentino. A Relação da Afetividade com a Inteligência. Disponível em:< <http://www.eduquenet.net/afetividade.htm>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2007.
18. NOVAES, Elaine Lopes. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 15-51, jan./jul. 2004. Disponível em:< [http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v7n1/C\\_Elaine2.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v7n1/C_Elaine2.pdf)>. Acesso em 10/03/07
19. NÓVOA, Antônio. (coord) Os professores e sua formação. Lisboa, Portugal, Dom Quixote, 1997. \_\_\_\_\_ Revista Nova Escola. Agosto 2000, p.23
20. PILLETI, Nelson. Estrutura e funcionamento do ensino de 1º grau/Nelson Piletti: São Paulo; Ática, 1996.
21. SCHON, Donald. Os professores e sua formação. Coord. de Nova; Lisboa,

Portugal, Dom Quixote, 1997.

22. VASCONCELOS, Alexandra Alves de; SILVA, Ana Carolina Guimarães da; MARTINS, Joseane de Souza; SOARES, Lupécia Jeane. A presença do diálogo na relação professor-aluno. V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org.br>> Acesso em: 10 de março de 2007.

23. WEIL, Pierre. A criança, o lar e a escola: guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores/Pierre Weil: Rio de Janeiro: Petrópolis; vozes, 1999.

# Anexos

## Questionários

Universidade do Estado da Bahia

Departamento de Ciências Humanas – Campus IV

Curso: Letras

Monografia: Relações interpessoais na escola

Equipe: Agnaildes, Alzeni, Maria Gonçalves e Simão Barros

*Questionário para aplicar aos professores do Colégio Frei José da Encarnação – 6ª série matutino-2007*

1. O seu relacionamento com o aluno acontece de forma:

( ) Excelente

( ) Bom

( ) Regular

( ) Ruim

Outro \_\_\_\_\_

2. De que maneira você reage ao ser agredido moralmente por um aluno?

( ) Ignoro (finjo que não é comigo).

( ) Converso com o aluno procurando entendê-lo e mostrando como deve ser o relacionamento entre o docente e discente.

( ) Respondo à *altura*

( ) Levo a situação para a direção da escola

Outra

maneira \_\_\_\_\_

3. A que se deve o comportamento agressivo do aluno?

( ) Conflitos com sua família

( ) Falta de perspectiva de vida do ponto de vista profissional, social.

Outro \_\_\_\_\_

4. No que concerne ao desempenho escolar, como é o rendimento destes alunos agressivos?

( ) Excelente

( ) Bom

( ) Regular

( ) Ruim

Outro \_\_\_\_\_

5. Que estratégia você lança mão para se relacionar com estes alunos?

( ) Observo atentamente seu comportamento para em seguida me aproximar através do diálogo.

- ( ) A punição, como a suspensão, ainda é a melhor maneira de lidar com tais alunos.  
( ) Ignoro esse tipo de aluno.

Outra \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Durante sua aula, seu comportamento reflete autoridade ou autoritarismo?

( ) Autoridade

( ) Autoritarismo

7. Como você vê o papel do professor em sala de aula?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8. Como você vê o papel do aluno em sala de aula?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

9. Os alunos têm respeito por você na sala de aula?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

10. Você esclarece as dúvidas dos alunos?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

11. Qual sua opinião quanto à indisciplina dos alunos?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

12. Cite uma experiência positiva e uma experiência negativa de relacionamento com os alunos.

Experiência positiva

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Experiência negativa

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Universidade do Estado da Bahia  
Departamento de Ciências Humanas – Campus IV  
Curso: Letras  
Monografia: Relações interpessoais na escola

Equipe: Agnaildes, Alzeni, Maria Gonçalves e Simão Barros

*Questionário para aplicar aos alunos do Colégio Frei José da Encarnação – 8ª série  
matutino-2007*

1. Como você considera as aulas hoje?

- São úteis e aprendemos muito.  
 São inúteis, porém aprendemos alguma coisa.  
 São inúteis e que não aprendemos nada.  
 São úteis, porém não aprendemos nada.

Outra resposta:

---

---

Como o professor reage frente a pontos de vista dos alunos?

- O professor às vezes aceita a nossa opinião.  
 O professor geralmente aceita a nossa opinião.  
 O professor nunca aceita nossa a opinião

Outra resposta:

---

---

O que facilita o relacionamento entre professor/aluno?

---

---

Na relação com os alunos, os professores usam de autoridade ou autoritarismo durante as aulas?

- Autoridade  
 Autoritarismo

Outra resposta:

---

---

O professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam o que foi *dado* na aula?

- O professor sempre demonstra preocupação de que os alunos aprendam.  
 Nunca o professor demonstra essa preocupação.  
 Ocasionalmente o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam.  
 Raramente o professor demonstra preocupação de que os alunos aprendam.

Outra resposta:

---

---

2. O professor procura ajudar os alunos que têm mais dificuldade na aprendizagem?

- Raramente o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade  
 Ocasionalmente o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade.

Sempre o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade

Nunca o professor ajuda os alunos que têm mais dificuldade.

Outra resposta:

---

---

O professor responde às perguntas dos alunos?

O professor sempre responde

O professor às vezes responde, às vezes não.

O professor nunca responde

3. O professor é acessível ao aluno?

Raramente o professor é acessível ao aluno

O professor sempre é acessível ao aluno

O professor nunca é acessível ao aluno

4. O professor é sensível (tem consideração) com relação aos problemas gerais extra-classe dos alunos?

É insensível aos problemas extra-classe dos alunos

O professor leva em conta os problemas extra-classe dos alunos

Raramente o professor leva em conta os problemas extra-classe dos alunos.

Outra resposta:

---

---

Cite uma experiência positiva e uma experiência negativa de relacionamento com os professores.

Experiência positiva

---

---

---

---

---

Experiência negativa

---

---

---

---

---